

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

GUSTAVO MOR MALOSSI

**OS AMERICANISMOS E O MARXISMO
SEMÂNTICAS EM CONFRONTO NO SIMPÓSIO
“WHAT IS AMERICANISM?” DA REVISTA PARTISAN REVIEW (1936)**

Porto Alegre, Novembro de 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

GUSTAVO MOR MALOSSI

**OS AMERICANISMOS E O MARXISMO
SEMÂNTICAS EM CONFRONTO NO SIMPÓSIO
“WHAT IS AMERICANISM?” DA REVISTA PARTISAN REVIEW (1936)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado junto à atividade de ensino “Trabalho de Conclusão de pesquisa histórica” do Curso de História, para a obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Lima de Avila

Porto Alegre, Novembro de 2014

GUSTAVO MOR MALOSSI

OS AMERICANISMOS E O MARXISMO
SEMÂNTICAS EM CONFRONTO NO SIMPÓSIO
“WHAT IS AMERICANISM?” DA REVISTA PARTISAN REVIEW (1936)

Trabalho de conclusão de curso apresentado junto à atividade de ensino “Trabalho de Conclusão de pesquisa histórica” do Curso de História, para a obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Lima de Avila

Aprovado em: 11/12/2014

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Fernando Felizardo Nicolazzi

Prof. César Augusto Barcellos Guazzelli

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise do Simpósio “*What is Americanism?*” organizado pelos editores da *Partisan Review*, William Phillips e Philip Rahv, com a participação de Theodore Dreiser, Newton Arvin, Josephine Herbst, Robert Herrick, Matthew Josephson, Kenneth Burke, Waldo Frank, William Troy, William Carlos Williams e Joseph Freeman. Utilizando os conceitos de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” formulados por Koselleck esse estudo tem por objetivo compreender os diferentes sentidos dados para “Americanismo” pelos escritores que viveram o período da Frente Popular e a forma que esses sentidos se vinculam às Culturas Políticas em confronto na época. Esse estudo nos possibilita um balanço da influência do CPUSA sobre a cultura norte-americana durante o período da Frente Popular

Palavras chave: Americanismo, Frente Popular, Partisan Review, New York Intellectuals.

Agradecimentos

Aos meus pais, Elizabeth e Tailor, não só pelas condições materiais objetivas que permitiram minha graduação e a materialização desse monografia, mas também pela estruturação cognitiva, afetiva e, especialmente, moral, que condicionaram minha formação como historiador, cidadão e ser humano. Para além da existência, agradeço pelo ensino daquilo que dá sentido a ela, o carinho, a empatia, a dignidade e o amor.

Ao meu irmão Rodrigo pelo suporte logístico, nutricional e motivacional e, principalmente, pela cumplicidade no estudo e na escolha do meu tema de pesquisa. Agradeço, também, o eterno encorajamento dos Mór e o esmero e dedicação dos Malossi.

Ao meu orientador Arthur Avila pela introdução à historiografia estadunidense que originou esse estudo, pelo auxílio estratégico na escolha do objeto desta monografia, pelo encorajamento ao mergulho solitário das temáticas inexploradas. Por ter me apontado em que sentido fica a fronteira onde nascem os pioneiros. Aos professores Rivair Macedo, Fábio Kühn, Igor Salomão Teixeira, Luiz Alberto Grijó, Cláudia Mauch, Mathias Seibel Luce e Silvia Petersen, cujas aulas fascinantes tornaram penosamente difícil escolher apenas uma área de especialização. Desejo sinceramente continuar aprendendo muito convosco.

Ao meu *axis mundi*, os *fraternitas* Fernando, Marcelo, Fernanda, Thierry, Pri, Daiane, Daniel e – as “mais que lucrativas aquisições” - Rolim e Guilherme. Pelas aventuras bacantes, pela cumplicidade na insanidade administrada, pelas longas conversas etílicas na madrugada e além, meus correligionários tanto na ansiedade dos *deadlines*, quanto na bonança das tréguas escolares. Por todos pesares compartilhados. Por todas viagens, acampamentos, teatros, jogos, filmes: ou seja, toda a vivência nesse nosso cafofo espaço de sociabilidade.

Ao grande amigo que a estrada me trouxe, Rodrigo Leitão, pela fraternidade que ultrapassa longas distâncias geográficas, seja na metrópole colonial, na capital da província ou na sede do império. Aos insubstituíveis e eternamente leais, amigos de toda vida, Pâmela Carbonari e Felipe Porcher, vocês dão um significado único à palavra nostalgia. Aos queridos colegas da /10. Aos colegas no Arquivo Público. Aos camaradas Mateus, Juliano, Caio, Carlos que surgiram ao longo do curso e muito me ensinaram e muito me escutaram (coitados), é sempre um grande prazer encontrar a companhia de pessoas extremamente inteligentes para conversar e traçar projetos.

À gloriosa obra da Humanidade ao longo do Tempo, por me proporcionar o melhor trabalho do mundo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1.AS QUESTÕES DE UMA AMÉRICA POSSÍVEL	13
1.1. A Questão do Capital Monopolista.....	15
1.2. A Questão dos Imigrantes.....	17
1.3. A Questão do Trabalho e a Formação do Movimento Operário.....	19
2.OS AMERICANOS E SEUS DIVERSOS AMERICANISMOS	25
2.1. O Americanismo do Fordismo.....	26
2.2. O Americanismo da <i>Frontier Thesis</i>	28
2.3. O Americanismo, o Socialismo e a Literatura.....	29
2.4. O Americanismo da Frente Popular.....	32
2.5 O Americanismo e os <i>New York Intellectuals</i>	35
3. O SIMPÓSIO, A REVISTA E A SEMÂNTICA EM DISPUTA	38
3.1 Apresentação do Simpósio.....	39
3.1.1 Socialistas com Americanismo Excepcionalista.....	40
3.1.2 Marxistas com Americanismo Estratégico.....	42
3.1.3 Liberais com Americanismo Excepcionalista.....	44
3.2 Considerações Sobre Os Posicionamentos.....	45
CONCLUSÃO	49
BIBLIOGRAFIA	51

INTRODUÇÃO

Durante os anos 30 do século XX, floresceu nos EUA uma variada cultura política que se desenvolve em diferentes graus de contestação e acirramento de projetos de país e sociedade. A falência do consenso liberal desencadeada pela crise econômica de 1929 e a relativa ascensão socioeconômica da Rússia soviética em comparação com a economia norte-americana¹, fez com que posicionamentos identificados com o socialismo se multiplicassem, dando origem ao que Michael Denning chama de um “bloco histórico”, uma era de contestação do modo de produção capitalista em várias esferas da cultura². Seja na tribuna do parlamento, nas redações dos jornais ou na trincheira do campo de batalha na Espanha, o confronto de posicionamentos intrinsecamente modernos como o fascismo, o comunismo e o liberalismo – e os posteriores traumas decorrentes desses confrontos – constitui um passado e uma memória que lançam as bases para o pensamento político contemporâneo. Este trabalho se trata de um estudo de caso desta cultura política norte-americana que se desenvolveu durante o período conhecido como “Frente Popular” na década de 1930. Este estudo será realizado através da leitura e análise de um Simpósio organizado pela revista *Partisan Review* intitulado “What is Americanism?” no qual dez autores de diferentes matizes, entre eles poetas, romancistas, críticos literários e intelectuais do Partido Comunista, debatem o caráter nacional americano e suas tradições políticas, sobre as possibilidades do desenvolvimento do marxismo nos Estados Unidos e a inter-relação dessas questões com o desenvolvimento da literatura estadunidense³.

A *Partisan Review* foi fundada em Nova York 1934 no âmbito do *John Reed Club*, o braço cultural do partido comunista norte-americano, o CPUSA. O conteúdo publicado pela revista era voltado à arte, cultura e suas implicações políticas⁴: para esses escritores, essas temáticas eram intrinsecamente relacionadas e a escolha de uma *forma* e um *conteúdo* reflete não apenas uma preferência estética, mas principalmente um posicionamento ideológico⁵. O editorial do primeiro volume da revista aponta os propósitos de seus autores em levar ao campo artístico as disputas políticas que marcaram o seu tempo.

-
- 1 HOBBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX**. 1941-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 113
 - 2 DENNING, Michael. *The Cultural Front: The Laboring of American Culture in the Twentieth Century*. New York: Verso, 1997
 - 3 DREISER, Theodore; ARVIN Newton; HERBST Josephine; HERRICK Robert; JOSEPHSON, Matthew; BURKE, Kenneth; FRANK, Waldo; TROY, William; WILLIAM, William Carlos; FREEMAN Joseph. **What is Americanism?** *Partisan Review*, vol. 3, no. 3, April 1936 From the *Partisan Review Collection*, Howard Gotlieb Archival Research Center at Boston University
 - 4 WALD, Alan M.. **The New York Intellectuals: The Rise and Decline of the Anti-Stalinist Left from the 1930s to the 1980s**. Chapel Hill: University Of North Carolina Press, 1987. p. 13
 - 5 VIALS, Chris. **Realism for the Masses: Aesthetics, Popular Front Pluralism, and U.S. Culture, 1935–1947**. Jackson: University Press Of Mississippi, 2009. p. 149

Partisan Review aparece num momento em que a literatura americana está passando por mudanças profundas. A crise econômica e política do capitalismo, o crescimento do movimento revolucionário em todo o mundo e a construção de sucesso do socialismo na União Soviética têm afetado profundamente a vida, o pensamento e da arte Americana. Estes fatores tiveram efeitos de longo alcance, não só sobre as atividades políticas de escritores e artistas, mas também sobre seu pensamento e sua escrita. Nos últimos quatro anos o movimento para criar uma arte revolucionária, que há uma década estava confinado a um pequeno grupo, se espalhou por todo os Estados Unidos. Uma série de revistas revolucionários surgiram para publicar ficção, poesia e crítica revolucionária. Algumas delas são emitidas pelo John Reed Club's.⁶

Percebe-se nesse editorial a vinculação da revista com o programa político e revolucionário do CPUSA. Segundo nos explica Neil Jumonville, quando a revista começou a publicar em 1934, a revolução proletária parecia iminente o suficiente para que a revista se focasse no papel da literatura enquanto veículo propagador da consciência de classe.⁷ Entretanto, em abril de 1935, um ano após o início da *Partisan Review*, diretrizes vindas da União Soviética impeliriam os comunistas norte-americanos a adotar a política da Frente Popular, uma aliança entre comunistas, socialistas e liberais contra o inimigo comum: o fascismo, o qual avançava em vários países da Europa⁸. Consequentemente, o Partido ordenou o encerramento do *John Reed Clubs*, considerado excessivamente radicalizado, em prol da integração à *League of American Writers*, que aceitava a participação de liberais progressistas⁹.

Grandes nomes da literatura norte-americana integraram a *League of American Writers*, entre eles Ernest Hemingway, Theodore Dreiser, Van Wyck Brooks, John Dos Passos que, entre 1935 e 1939, participaram de projetos que buscaram vincular a romances, filmes e teatros valores identificados com a democracia e o povo americano, reforçando a defesa do “homem comum” e do “trabalhador” contra a tirania das elites e dos governos autoritários, fazendo oposição à ascensão de regimes fascistas em toda Europa, em especial durante a Guerra Civil Espanhola¹⁰. Em 1935, o Partido Comunista dos Estados Unidos, que era ligado à Terceira Internacional, dentro da lógica de aliança com setores progressistas das burguesias nacionais, propõe uma política nova representada pelo slogan “Comunismo é o Americanismo do Século XX”. Trata-se de uma tentativa de aproximar as ideias comunistas defendidos pelo partido ao sentimento de nacionalismo norte-americano, procurando com isso atrair apoio de diversos setores políticos da sociedade estadunidense o que implica em projeto de conciliação de classes¹¹.

6 **Editorial.** *Partisan Review*, vol. 1, no. 1, April 1933 From the Partisan Review Collection, Howard Gotlieb Archival Research Center at Boston University. Tradução livre

7 JUMONVILLE, Neil. **The New York intellectuals reader.** New York: Routledge, 2007. pg 55

8 DELEON, David. **The Popular Front CPUSA and the Revolution of 1776: A study in "patriotic marxism".** Humanities Working Paper, Pasadena, v. 1, n. 39, p.5-46, jan. 1979.

9 KAZIN, Michael. **The Agony and Romance of the American Left.** The American Historical Review, Oxford, v. 100, n. 5, p.1488-1512, dez. 1995.

10 DENNING, Michael. **The Cultural Front** op.cit. p. 94

11 DELEON, David. **The Popular Front CPUSA and the Revolution of 1776.** op.cit

Entretanto, com o favorecimento das políticas da Frente Popular e o fortalecimento da *League of American Writers*, os *John Reed Clubs*, entre os quais nasceu a *Partisan Review*, perderam o favor e o patrocínio do Partido Comunista, pois apresentavam um perfil mais internacionalista que rejeitava a assimilação nacionalista da Frente Popular. Além disso, os *John Reed Clubs* propunham um movimento artístico que se distanciava do realismo soviético, aproximando-se, em contrapartida, ao modernismo de T.S Eliot. Após o encerramento do apoio financeiro do Partido, a *Partisan Review* conseguiu manter-se momentaneamente em colaboração com a revista *Anvil*, mesmo assim precisou encerrar suas atividades em outubro de 1936.

Em um período marcado pelo “espetáculo” dos julgamentos de Moscou de 1936 e o consequente sucesso de Stalin em destruir toda oposição oficial dentro do partido, os novos editores William Phillips e Philip Rahv refundaram por conta própria a *Partisan Review* em clara oposição ao CPUSA¹². Essa mudança de posicionamento pode ser acompanhada no primeiro editorial da revista quando refundada

Anteriormente associada ao Partido Comunista, a *Partisan Review* desde o início procurou contra sua diretriz equacionar os interesses da literatura com os da política de facções. Nosso reaparecimento de forma independente significa a nossa convicção da tendência totalitária que é inerente a esse movimento e que já não pode mais ser combatida de dentro. Mas muitas outras tendências existem na literatura americana, e estas, pensamos, estão se voltando contra as disciplinas sem sentido da esquerda oficial para moldar um novo movimento. (...) A conformidade com uma determinada ideologia social, ou a uma atitude ou técnica prescrita, não será solicitado aos nossos escritores. Pelo contrário, as nossas páginas estarão abertas a qualquer tendência que é relevante para a literatura em nosso tempo. O marxismo na cultura, pensamos, é antes de tudo um instrumento de análise e avaliação; e se, em última instância, ele prevalece sobre outras disciplinas, ele faz então por meio da controvérsia democrática.¹³

A mudança de posicionamento político da revista é um marco que define a geração de intelectuais que ficou conhecida pela historiografia como *New York Intellectuals*, que se colocam no campo da oposição ao regime soviético.

Terry Cooney descreve os *New York Intellectuals* como o resultado do cosmopolitismo vibrante da cidade de Nova York¹⁴. É consenso entre a historiografia que essa geração é formada majoritariamente por descendentes de segunda geração de imigrantes judeus¹⁵. Segundo Cooney, esses filhos de imigrantes judeus tiveram que lidar com a dualidade de viver duas culturas, lutando para definir suas identidades individuais e coletivas. O autor aponta isso como característica fundamental para a formação particular de uma geração que, se por um lado, não reproduziram a

12 JUMONVILLE, Neil. **The New York intellectuals reader**. op.cit p. 65

13 **Editorial**. *Partisan Review*, vol. 4, no. 1, Dezembro 1937 From the *Partisan Review Collection*, Howard Gotlieb Archival Research Center at Boston University. Tradução livre

14 COONEY, Terry A. **The Rise of the New York Intellectuals: Partisan Review and Its Circle, 1934-1945**, University of Wisconsin Press, 1986 p. 12

15 Alguns trabalhos que abordam as características étnicas dessa geração são: BLOOM, Alexander. **Prodigal Sons: The New York Intellectuals and Their World**, Oxford University Press, 1986; HOLLINGER, David A.. **Science, Jews, and Secular Culture**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1996;

ortodoxia dos imigrantes judeus, por outro não puderam se identificar inteiramente com a cultura do país em que viviam. Além de carregar e suportar o estigma de sua descendência – no início do século XX o antissemitismo ainda era evidente na cultura norte-americana¹⁶ – os NYI compartilhavam de uma origem humilde, eram filhos pertencentes à classe trabalhadora em plena crise do capitalismo. Além disso, havia poucas alternativas para ascensão social, as instituições de ensino tradicionais, como é o caso da Columbia University, exerciam cotas informais que limitavam a entrada de judeus nas universidades, fazendo com que muitos recorressem à única faculdade pública de Nova York, a City College, conhecida como “A Harvard do Proletariado”. A discriminação étnica, a crise econômica, a convivência na City College contribuíram para a formação desse grupo no campo da esquerda radical em grande parte influenciada pela herança Europeia¹⁷.

O rompimento da *Partisan Review* com o partido comunista é analisado como um marco fundacional para essa geração. Nos anos que se seguiram os editores da revista passaram a admirar Leon Trotsky e a via de oposição socialista ao stalinismo que ele representava¹⁸. Entretanto, ao longo das próximas décadas, especificamente após o fim da segunda guerra e o início da bipolarização do mundo causada pela Guerra Fria, os autores colaboradores da *Partisan Review*, um a um, passaram a tomar um posicionamento favorável ao Ocidente em oposição àquilo que consideravam doutrinas totalitárias, por vezes igualando comunismo e fascismo.¹⁹ Essa mudança de posição do trotskismo para o liberalismo foi gradual, caracteriza-se por diversos matizes e encontra um marco simbólico com a publicação do artigo de Dwight Macdonald, “I choose the West”, no qual, partindo do pressuposto de que havia apenas duas alternativas, Macdonald expressa que apoia a luta política, econômica e militar do “oeste” contra o “leste”²⁰.

Natham Abrams²¹ destaca a cooperação de muitos dos *New York Intellectuals* com instituições liberais financiadas pela CIA durante a década de 50, como por exemplo a *Congress for Cultural Freedom*²². Ao longo da Guerra Fria, uma parcela nos NYI migra definitivamente para o campo da direita política, fundando o neoconservadorismo atrelado a uma nova revista, *Commentary*²³. Antigos intelectuais radicais dos anos 30, como Sidney Hook, James Burnham ,

16 COONEY, Terry A. **The Rise of the New York Intellectuals**. op.cit. p. 43

17 Idem p. 45

18 WALD, Alan M. **The New York Intellectuals**. op.cit. p. 13

19 JUMONVILLE, Neil. *Critical Crossings: The New York Intellectuals in Postwar America*, University of California Press, 1991, 26

20 MACDOLNARD, Dwight. “**The Root Is Man.**” Brooklyn, NY: Autonomedia, 1995. Disponível em <<http://theanarchistlibrary.org/library/dwight-macdonald-the-root-is-man>> Acesso em 20 de setembro de 2014

21 ABRAMS, Natham. **A Profoundly Hegemonic Moment: De-Mythologizing the Cold War New York Jewish Intellectuals**. Shofar, London, v. 21, n. 3, p.64-82, abr. 2003. p. 68

22 Idem p. 72

23 WISSE, Ruth R.. **The New York (Jewish) Intellectuals**. Disponível em:

<<http://www.commentarymagazine.com/article/the-new-york-jewish-intellectuals/>>. Acesso em: 17 nov. 2013.

Norman Podhoretz e Irving Kristol passaram a entrar em confronto com os radicais da *New Left*, a nova geração de esquerda dos anos 60, a qual se opunha ao conformismo que marcou a cultura americana durante os anos 50.

O “neoconservadorismo” adorado por parte dos New York Intellectuals, segundo o autor Anatol Lieven²⁴, defende uma política externa estadunidense belicosa, unilateral e intervencionista, com a qual os EUA deveriam assumir um papel hegemônico na geopolítica mundial. Essa belicosidade é justificada pelo papel que os Estados Unidos adotariam em combater a expansão de regimes comunistas ditos totalitários ao redor do mundo, preservando os valores centrais de liberdade constitucional, direito à liberdade de expressão, eleições livres, transparência governamental e liberdade de religião. Embora esse sentimento de excepcionalismo norte-americano encontra respaldo em um nacionalismo muito mais antigo que data do século XVIII, o Americanismo que se desenvolve durante a Guerra Fria assume uma nova roupagem ao identificar no comunismo soviético seu inimigo natural.²⁵

Essa é uma noção de Americanismo completamente oposta àquela construída da Frente Popular. É curioso apontar, inclusive, que autores implicados da *League of American Writers* foram amplamente investigados e perseguidos durante a década de 50 pelo Comitê de Atividades Antiamericanas²⁶, um nome que por si só expressa a disputa pelo significado daquilo que se devia ou não entender por “americano”.

Adotamos a conceituação sugerida por Rodrigo Sá Motta que compreende cultura política como um “conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro.”²⁷ Essa definição genérica, como nos explica Motta, engloba um grande conjunto de elementos que permitem o enfoque em estudos de ideologia, linguagem, imaginário e iconografia. Escolhemos para o propósito deste trabalho uma abordagem que privilegia a investigação do sentido que certos conceitos adquirem em determinada cultura política, utilizando-se de algumas concepções chave propostas por Koselleck em sua obra *O Futuro Passado*²⁸. Os conceitos de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” permitem capturar o conceito de “Americanismo” debatido no Simpósio da *Partisan Review* como uma forma tanto de ressignificar e utilizar o passado quanto traçar projetos de país ansiados pelos autores, o que entra em acordo com a concepção de cultura política

24 LIEVEN, Anatol. **America Right or Wrong**. New York: Oxford University Press, 2004.

25 Idem p. 24

26 COONEY, Terry A. **The Rise of the New York Intellectuals**. op.cit. p. 244

27 MOTTA, Rodrigo Sá. “Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia”. In: Rodrigo Sá Motta. **Culturas políticas na História**: novos estudos. BH: Argumentum, 2009.

28 KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1979.

que segundo Motta cria “*uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro*”²⁹. Consideramos, portanto, que a história dos conceitos serve nesse trabalho como um abordagem de um aspecto chave da cultura política, que seria a investigação do próprio sentido (ou os sentidos concorrentes) que as palavras adquirem na constituição desses confrontos políticos.

Antes de passar para a leitura da fonte e fazer a análise dos artigos do Simpósio, é necessário conhecer alguns elementos tratados no texto que remetem ao contexto vivido pelos autores e também ao passado reconhecido e reivindicado por eles. Tendo em vista essa necessidade de contextualização, estruturamos o trabalho em três capítulos. O primeiro trata de uma breve história da esquerda norte-americana desde o fim da Guerra Civil, a consolidação da hegemonia do modelo econômico nortista e as transformações socioeconômicas que os Estados Unidos passaram desde então. O segundo capítulo procurará investigar as diferentes noções de Americanismo que foram propostas anteriormente ao Simpósio e que nos permitem perceber a dimensão diacrônica dos sentidos dados ao conceito e a continuidade do debate em relação à formulações teóricas anteriores. Vale ressaltar que as noções de Americanismo aprofundadas no segundo capítulo estão relacionadas aos eventos comentados no primeiro capítulo, na medida em que engendram novos projetos de país e releituras do passado. Finalmente no terceiro capítulo serão destrinchados e tipificados os diferentes sentidos dados a Americanismo no Simpósio promovido pela *Partisan Review*, o que permitirá uma reflexão mais aprofundada e detalhada das diferentes culturas políticas que se mesclam no âmbito da Frente Popular.

29 MOTTA, Rodrigo Sá. **Culturas políticas na História** op.cit. p. 21

1. AS QUESTÕES DE UMA AMÉRICA POSSÍVEL

Para tratar de uma história que investigue os debates culturais da esquerda estadunidense é necessário antes apresentar a conjuntura na qual se davam os conflitos sociais nos EUA. Não buscamos aqui apresentar uma descrição genérica do “contexto de época”, que implicaria em nebuloso embasamento teórico para justificar uma relação direta entre os eventos concretos da luta de classes estadunidense e as produções da “cultura política de esquerda” ao longo dos anos 30. No lugar, investigaremos neste capítulo os nomes, eventos e instituições mencionadas pelos próprios autores da fonte, ou seja, o passado imediato reivindicado no texto e constituído em “espaço de experiência” indicado pelos escritores. Esses fatos são, portanto, não só um contexto histórico e literário para as obras investigadas, mas também pontos de referência no campo semântico a ser desbravado em nossa análise posterior.

Os nomes de autores, eventos, obras e entidades políticas mencionadas pelos artigos no Simpósio, em sua maioria, situam-se cronologicamente em um período de tempo que compreende 1880 e 1929, que é dividido pela historiografia estadunidense em dois períodos, a “Era Dourada”(1870 – 1890) e a “Era Progressista”(1890 – 1929). A Era Dourada, ou “Gilded Age” como foi batizada por Marc Twain³⁰, está estreitamente relacionada ao advento da segunda revolução industrial, a expansão dos caminhos de ferro para o oeste e os impactos sociais decorrentes desses processos. Por sua vez, a “Era Progressista” é assim nomeada pelos diversos projetos implementados de reforma econômica, política, institucional e até mesmo “moral”, como é o caso da proibição de consumo de bebidas Alcoólicas em 1920. Os movimentos “progressistas” propunham a transformação da sociedade pela gestão de especialistas e cientistas que empregariam métodos racionais para tornar a sociedade mais avançada e a produção mais eficiente³¹. Resgatar essas duas “Eras”, segundo o espaço de experiência dos autores no Simpósio, permitirá traçar as transformações diacrônicas na concepção do significava de ser “americano” e como esse processo se adequa em relação aos conflitos sociais que se manifestam em cada período. Para os propósitos de trabalho, separamos em três temáticas principais: a questão do Capital Monopolista, a questão dos Imigrantes e a questão do Trabalho³²

30 TWAIN, Mark; WARNER, Charles Dudley. **The Gilded Age: A Tale of Today**. New York: Project Gutenberg Ebook, 2006. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/3178/3178-h/3178-h.htm#ch1>>. Acesso em: 10 set. 2014.

31 LIMONCIC, Flávio. **Os inventores do New Deal**. Estado e sindicato nos Estados Unidos dos anos 1930. 2003. 289 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Historia - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003 p. 73

32 Cabe apontar que reconhecemos que os conflitos sociais que se manifestam nos EUA ao fim do século XIX não se esgotam nessas classificações propostas. Seria possível falar ainda de uma questão das mulheres, questão dos negros, questão indígena, entretanto essas temáticas tangenciariam a temática apontada pela fonte e não caberiam na dimensão proposta para esse trabalho.

Antes de mais nada, é importante salientar que essas diferentes *questões* que pautam a contenda em torno da identidade norte-americana compartilham uma origem em comum: elas são problemáticas intrínsecas ao modo de produção capitalista consolidado a nível nacional após o fim da Guerra da Secessão em 1865. Esse conflito assinalou a disputa entre o modelo econômico latifundiário e escravista do Sul contra o modelo industrial e assalariado do Norte, o qual, ao fim da guerra, se impõe de forma hegemônica em todo o país. Esse evento definiu uma ruptura na sociedade estadunidense a qual se transformou abruptamente durante o período conhecido como “Reconstrução”, que se estende até o ano 1877 e se caracteriza pela disputa sobre os termos e exigências para reabsorção dos Estados confederados revoltosos à União³³. Esse processo implica o confronto entre diferentes “projetos de país” em um contexto que desponta a problemática da integração – ou exclusão – dos ex-escravos à sociedade Americana. Em seu papel de presidente, Lincoln surge como símbolo histórico desse processo de reconstrução do país. Seu discurso após a batalha de Gettysburg em 19 de novembro de 1863 foi integrado ao cânone do nacionalismo estadunidense e o universo simbólico que define o Americanismo, uma vez que ele traça os valores da republica idealizada pelos nortistas ao fim da Guerra Civil.

Há oitenta e sete anos nossos antepassados implantaram sobre este continente uma nova nação, concebida em liberdade, e dedicada à ideia de que todos os homens são iguais.(...) Sim, é para nós que estamos aqui dedicados à grande tarefa que se nos defronta ... tarefa essa que aqui devemos assumir para que esses mortos não tenham morrido em vão, e para que essa nação, sob a autoridade de Deus, deva renascer em liberdade, e a fim de que o governo do povo, pelo povo e para o povo não pereça na terra.³⁴

O que torna esse discurso interessante não é só sua clareza na representação do que é o excepcionalismo norte-americano, mas também a recorrente necessidade de retorno a ele em disputas em torno do que é Americanismo. A disparidade entre a republica prometida por Lincoln e a realidade da classe trabalhadora estadunidense é tema reiterado pela esquerda norte-americana. As transformações socioeconômicas pelas quais os EUA passam durante a Era Dourada e a Era Progressista desenvolvem conflitos sociais que contradizem a promessa de um país democrático, igualitário e repleto de oportunidades para todos. Essa quebra de expectativa demanda novas disputas em torno de “projetos de país”, que procuram não só as maneiras de “curar” a nação, mas também explicar porque, afinal, ela precisa de “cura”.

1.1. A Questão do Capital Monopolista³⁵

33 Para mais sobre a era da reconstrução: FONER, Eric. **Reconstruction: America's Unfinished Revolution, 1863-1877**. 3. ed. Los Angeles: Harper Perennial Modern Classics, 2002.

34 LINCOLN, Abraão. **O Discurso de Gettysburg**: 19 de novembro de 1863. In: MORRIS, Richard B.. Documentos básicos da História dos Estados Unidos. New York: Fundo de Cultura, 1956. p. 160-161.

35 Os conteúdos desse subtítulo foram desenvolvidos em uma reflexão anterior para o trabalho final da disciplina de História dos EUA

Após a vitória na guerra, a burguesia industrial nortenha abasteceu-se com os espólios do sul, conquistando para si uma série de vantagens econômicas, sociais e políticas³⁶: a compra das terras de latifundiários falidos por preços irrisórios, a convergência de mão de obra livre e barata para as cidades e a hegemonia política no congresso e em outros espaços de representatividade da União são garantidas com a vitória na guerra. Para além disso, ocorreu grande crescimento econômico relacionado à própria economia de guerra: o incentivo da União para o desenvolvimento de indústrias de bem de capital nas zonas industriais do norte – afinal, a guerra também cria demandas, exige eficiência na fabricação de armamentos e melhorias no sistema de comunicações. Como aponta o autor Henry Pelling, enquanto os territórios da União abrigavam aproximadamente 85 por cento da capacidade manufatureira do país, o único setor da indústria que sofreu uma grave crise de produção durante o período de guerra foi o algodoeiro, graças, é claro, à paralisação brusca no abastecimento da matéria-prima produzida nos estados do sul³⁷.

Apesar de haver uma mobilização extensiva de homens adultos para a guerra, a aplicação de um novo modo de produção que caracteriza o capitalismo, atenuou os efeitos da carência de mão de obra: a introdução do sistema industrial mecanizado mitigou a demanda pelo trabalho especializado, possibilitando que mulheres e crianças fossem contratados pelas fábricas no lugar dos homens³⁸. Paralelo a isso, a imigração europeia somou-se ao fluxo de mão de obra ativa que se deslocava para as cidades, contribuindo para a formação de um exército industrial de reserva³⁹.

Outro fator decisivo para a consolidação do capitalismo dos EUA foi a adoção de uma política protecionista, a qual garantiu aos fabricantes nacionais vantagens na concorrência com os produtos importados europeus, os quais eram perigosamente mais baratos e de melhor qualidade. As indústrias norte-americanas protegidas por essa política se beneficiaram com a ampliação do mercado interno no Oeste, que pode se expandir rapidamente graças à construção de uma vasta rede de vias férreas. Em especial, a produção de ferro se acelerou muito nesse processo, incentivada por uma tríplice demanda: a produção de materiais ferroviários, maquinara agrícola e armamentos para a guerra ⁴⁰ O protecionismo adotado pelo sistema de tarifas aduaneiras foi elaborado por um congresso majoritariamente nortista, o que aponta para a consequência última da vitória do norte sobre o sul: mais do que os espólios de guerra, a maior vantagem tirada pelo norte após o conflito foi a consolidação de sua hegemonia no cenário político. Liquidada, a elite agrária do sul deixou de

36 KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 140

37 PELLING, Henry. **El Sindicalismo Norteamericano**. Madrid: Tecnos, 1961

38 Idem.p. 66

39 MELANDRI, Pierre. **O Desígnio e Industrialização**: Novas Dimensões da Nação Americana. In: História dos Estados Unidos desde 1865. Lisboa: Edições 70, 2006. p.37

40 MELANDRI, Pierre. **O Desígnio e Industrialização**. op.cit. p. 38

rivalizar definitivamente com o *businessman*. “Após a guerra Civil, a influência dos banqueiros, dos financeiros, dos capitães da indústria e gestores de negócio, pelo menos nesse aspecto, não terá concorrência”⁴¹

Com esse acúmulo de capitais, o Norte atingiu um novo patamar de desenvolvimento das forças produtivas, possibilitando que a burguesia industrial norte-americana pudesse competir com as Europeias em termos de volume de produção de mercadoria. Nesse ínterim, o complicado e ambíguo sistema de patentes estadunidense assegurou que a “iniciativa privada” teria o direito de reivindicar a *commoditização* e comercialização de uma série de invenções que revolucionaram o modo de vida das grandes cidades, como a eletricidade, o automóvel e o telefone⁴². Entretanto, esse desenvolvimento das forças produtivas comprometeu a concorrência de livre mercado: empreender de forma lucrativa nessa nova indústria exigia um considerável investimento de capital inicial, o qual não raro tardava em gerar um retorno lucrativo. Portanto, o desenvolvimento tecnológico das forças produtivas que constitui a segunda revolução indústria se adéqua mais ao capitalismo monopolista, e nos EUA ele se alia com o capital financeiro de Wall Street, se consagrando na liderança dos avanços tecnológicos, impondo seus produtos no mercado e aniquilando a concorrência menos desenvolvida⁴³.

Aglutinada em oligopólios de cartéis e trustes, a burguesia industrial norte-americana monopolizou commodities indispensáveis para a vida moderna, como é o exemplo do abastecimento de petróleo pela Standard Oil Company de John Davison Rockefeller e aço pela U.S. Steel de John Pierpont Morgan⁴⁴. Apesar das vantagens da multiplicação de tecnologias inovadoras, a existência de uma classe dominante de caráter monopolista que se reproduz pela herança de grandes fortunas implica a negação do mito do “*Self made man*”, fundamentado na crença de que nos EUA todos receberiam oportunidades de enriquecimento. Para além disso, controle político exercido por essa classe dominante nos espaços de representatividade levanta a questão da necessidade de voltar-se à América idealizada por Lincoln e seu governo do povo, pelo povo e para o povo. Essa crítica tem seu reflexo cultural na literatura, é possível percebê-la tanto na Era Dourada com a obra “*The Gilded Age: A Tale of Today*”⁴⁵ de Mark Twain, quanto da Era Progressista com “*The Great Gatsby*”⁴⁶ de F. Scott Fitzgerald. Em ambos livros encontramos a crítica à ganância desenfreada, à distorção dos “valores americanos” e à distância entre o mundo vivido pela elite e a realidade do “homem comum”. Nos anos 1910 algumas medidas foram

41 MELANDRI, Pierre. **O Desígnio e Industrialização**. op.cit. p. 35

42 KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos** op.cit. p. 140

43 Idem p. 145

44 Idem p. 155

45 TWAIN, Mark; WARNER, Charles Dudley. **The Gilded Age**. Op cit

46 FITZGERALD, F. Scott. **The Great Gatsby**. New York: Scribner, 2004.

tomadas em direção à mitigação do poder dos oligopólios, como é o caso da Lei Sherman Antitruste, que em seu segundo parágrafo afirma:

Toda pessoa que estabelecer monopólio, ou tentar monopolizar, ou fazer ajuste ilegal ou conspirar junto com outra pessoa ou pessoas, para monopolizar qualquer setor de negócio ou comércio entre os diversos Estados, ou com nações estrangeiras, será considerada culpada de uma ofensa, e sob prova disso, será punida com multa... ou prisão.⁴⁷

Lei Sherman Antitruste representou um avanço histórico no combate aos monopólios, entretanto, o poder de influência das corporações sobre a democracia representativa até hoje caracteriza o regime norte-americano.

1.2. A Questão dos Imigrantes

Uma explosão demográfica é introduzida na sucessão de grandes ondas migratórias que ocorreram nos EUA durante a segunda metade do século XIX. Uma das mais significativas foi a irlandesa, iniciada na década de 1840 e estendida até 1930, e que levou a 4,5 milhões de irlandeses morar a nos EUA. O principal motivo para este movimento foi A Grande Fome na Irlanda, originada em grande parte por uma praga generalizada nas plantações de batatas, elemento central da alimentação de um terço da ilha⁴⁸. Outra onda migratória fundamental para o rápido crescimento das cidades nos estados do Norte dos Estados Unidos foi a dos afro-americanos: livres da escravidão após a Guerra da Secessão, migraram para cidades como Detroit e Chicago fugindo da discriminação substancialmente mais evidente nos estados sulistas. Uma variedade de outros povos migraram para os EUA durante o século XIX e início do XX, como os judeus asquenazes, eslavos, italianos, suecos, chineses e, em especial no sul, mexicanos. Segundo o Limonic, *“em 1900, 79% da população de dez cidades com mais de 100 mil habitantes era constituída por estrangeiros e americanos de primeira geração e, entre 1900 e 1930, a população urbana passou de 39,6% para 56,1% do total”*⁴⁹

Entretanto, a realidade que estes migrantes enfrentam no novo mundo era muito diferente da prometida pelo discurso político. Em um país estrangeiro, sem conhecer a língua local e com poucos recursos, esses imigrantes logo integraram o exército industrial de reserva. Trabalhavam em cargas horárias escorchantes, com salários que mal supriam as necessidades de primeira ordem e sem nenhuma garantia de estabilidade de emprego. Por outro lado, esses imigrantes trouxeram para o Novo Continente não só sua cultura e religião, mas também o conhecimento adquirido pela experiência nos combates classistas já desenvolvidos na Europa. No

47 MORRIS, Richard B. **O Decreto antitruste de sherman**, 2 de julho de 1890. In: MORRIS, Richard B..

Documentos básicos da História dos Estados Unidos. New York: Fundo de Cultura, 1956. Cap. 31. p. 169-172

48 WOODHAM-SMITH, Cecil Blanche. **The Great Hunger**; Ireland 1845-1849 Penguin Books: Londres, 1991.

49 LIMONCIC, Flávio. **Os inventores do New Deal**. op. cit p. 69

final do século XIX surgem, em todos centros urbanos, verdadeiros “nichos” culturais com um forte caráter étnico, expressos em jornais que circulavam em línguas estrangeiras, como o Menorah Journal⁵⁰ que circulava em ídiche, clubes de cultura e instituições de assistência aos imigrantes novos, e sindicatos e federações de língua estrangeira. Esses “guetos culturais” alcançaram um papel importante na fomentação do movimento operário uma vez que traduziam e difundiam nos EUA os debates teóricos herdeiros da Primeira Internacional. Daniel DeLeon foi um agente notório nesse processo: natural da colônia holandesa de Curaçao, família de descendência judaica proveniente da Espanha e tendo estudado na Alemanha, por ser fluente em diversas línguas DeLeon pode manter contato com os debates marxistas de seu tempo, sendo o teórico mais importante do Socialist Labor Party(SLP). Frederick Engels criticou a SLP por esta ser majoritariamente composta por imigrantes germânicos, não se integrando satisfatoriamente ao proletariado americano. DeLeon, reconhecendo este problema, assumiu o desafio de compreender as particularidades do capitalismo americano a partir do método marxista, o qual ainda precisava tornara-se acessível à classe trabalhadora nos EUA⁵¹.

Entretanto, seus esforços encontraram grande resistência: durante a Era Progressista, com o crescimento do anticomunismo vinculado ao fenômeno do *Red Scare*, a xenofobia se manifestou abertamente em ataques a comunidades de imigrantes, considerados culpados pela invasão das novas ideias “subversivas”. Entre essas práticas as *Palmer Raids* idealizadas pelo Procurador-Geral A. Mitchell Palmer constituíram-se uma forma institucionalizada de repressão às comunidades de imigrantes. Efetivando-se em invasões policiais sistematizadas a guetos, as *Raids* procuravam prender e deportar imigrantes ligados a grupos de esquerda radicais, como anarquistas e socialistas. Entre novembro de 1919 e janeiro de 1920 mais de 500 imigrantes foram presos e deportados, entre eles o líder anarquista italiano Luigi Galleani⁵². Mais notório ainda é o caso Sacco e Vanzetti. Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti foram executados nos Estados Unidos da década de 1920 sob acusação de homicídio de um guarda e de um contador em uma fábrica de sapatos. Os dois homens eram italianos e anarquistas e seu processo foi excepcionalmente marcado pela mobilização solidária de milhares de trabalhadores em todo mundo. O processo de “*Sacco and Vanzetti*” transformou-se em um *cause célèbre*, um episódio lembrado por movimentos sociais como um símbolo de discriminação e arbitrariedade do poder do estado sobre o cidadão. Para historiador anarquista Paul Avrich, o processo injusto é um fantasma que assombra as instituições norte-americanas, já que representa a negação prática dos valores que compõe o discurso legitimador

50 WALD, Alan M. **The New York Intellectuals**. op.cit. p 88

51 SLP, Daniel de Leon Internet Archive. **Daniel De Leon**. Disponível em:<<http://www.marxists.org/archive/deleon/>>. Acesso em: 10 out. 2014.

52 AVRICH, Paul. **Sacco & Vanzetti: the Anarchist Background**. Nova Jérsei: Princeton University Press, 1991.

destas instituições e do excepcionalismo norte-americano, ou seja, o dever com a democracia, tolerância e liberdade de expressão⁵³.

Percebe-se então o impacto que os movimentos imigratórios causaram sobre a cultura norte-americana. Intrínseca aos movimentos xenofóbicos está a percepção que existe uma América original ameaçada pelos *outsiders*, indivíduos que falam uma língua estranha, cultivam costumes avessos à moral e, pior, são subversivos. A imigração se constitui portanto como uma ameaça à concepção de Americanismo muito relacionada à população branca, anglo-saxã e protestante.

1.3. A Questão do Trabalho e a Formação do Movimento Operário

Ao final do século XIX e início do XX, desenvolve-se amplamente nos EUA o movimento operário que se manifesta em uma grande diversidade de matizes, em uma conjuntura internacional marcada por rupturas com o modo de produção capitalista, destacando-se a vitória da Revolução Bolchevique como o evento mais consagrado deste processo. Nos EUA, o primeiro movimento operário que adquire notoriedade nacional são os *Knights of Labor*. Criado em 1869, tinha como bandeiras a aplicação da jornada de 8 horas e o fim do trabalho infantil. Os *Knights of Labor* preocupavam-se com a melhoria da qualidade de vida da classe trabalhadora, exigindo do governo a criação de agências estaduais que avaliassem as condições de trabalho dos operários e artesãos, como a *Bureau of Labor*, no estado de Massachusetts, criada em 1869⁵⁴. Apesar de a organização ter crescido até chegar seu auge durante a grande greve dos ferroviários em 1877, o incidente das revoltas de *Haymarket* no ano 1886 inicia uma onda de repressão e perseguição aos movimentos operários que teve um grande impacto desmobilizador sobre as organizações de classe.⁵⁵

Uma vez que o próprio processo de independência dos EUA deu forma a um aparelho estatal relativamente descentralizada, o Estado norte-americano exerceu historicamente uma participação menor na mediação dos conflitos de classe, o que delegou ao próprio capital privado o papel de operar estratégias de coerção ou cooptação do movimento operário organizado. Nesse contexto florescem as agências de investigação particulares – como a prestigiosa Agência Nacional de Detetives Pinkerton - que ofereciam o serviço de espionar organizações operárias, furar greves e reprimir manifestações, além de se encarregar da segurança particular dos patrões. Entretanto, isso não significa que o Estado não praticasse também a repressão ao movimento operário, mesmo que de forma restrita. Como é explicado por Limonic⁵⁶, diferente do que ocorreu na Europa, onde as burguesias nacionais herdaram um executivo e legislativos centralizados pelos regimes

53 AVRICH, Paul. **Sacco & Vanzetti** op.cit. p. 12

54 LIMONCIC, Flávio. **Os inventores do New Deal**. op.cit. p.36

55 Idem. p. 64

56 Idem. p. 75

monárquicos e absolutistas, o aparelho estatal norte-americano é, em sua concepção, planejado com um executivo fraco e legislativo fragmentado entre os estados. Coube, portanto, ao poder judiciário – em especial a Suprema Corte – a tarefa de repressão e desmobilização dos movimentos dos trabalhadores durante a segunda metade do século XIX e o início XX. Em um regime de leis consuetudinárias, a *common law* garantia aos tribunais o poder de aplicar *injunction* que regulavam as relações de patrões e empregados, impondo restrições efetivas à expressão política das trabalhadoras.⁵⁷ Como nos explica Limoncic

Legalmente, uma *injunction* é uma ordem emitida por um juiz para que qualquer pessoa ou conjunto de pessoas sejam impedidos de fazer algo sem que um julgamento deva ser realizado previamente. Desta forma, por exemplo, líderes sindicais que desobedecessem a uma *labor injunction* emitida por um juiz para cessar um piquete, um boicote, ou outra atividade qualquer, estavam sujeitos a punição sumária, inclusive prisão. A partir de 1885, elas foram utilizadas em números crescentes, segundo o entendimento de que o direito ao negócio, isto é, o direito do empresário ao acesso irrestrito à força de trabalho e às mercadorias de que tinha necessidade para que seu negócio funcionasse, era inseparável do direito à propriedade.⁵⁸

Um outro exemplo de como a interpretação nos tribunais era utilizada contra o movimento operário foi a aplicação da Lei Sherman Anti-Truste⁵⁹, que inicialmente foi concebida com o objetivo de combater o monopólio dos grandes empresários. A partir dela, os sindicatos passaram a ser considerados conspirações que restringiam o comércio entre os diferentes estados da união, comparando-os a trustes que controlavam o preço das mercadorias em diferentes estados, o que parte do pressuposto de que o trabalho é uma mercadoria a ser vendida e comercializada livremente pelo operário. Essa interpretação foi legalmente coibida pelo Clayton Act de 1914⁶⁰, mas apenas após décadas de arbitrariedade judicial, sobretudo sobre os Knights of Labor – para os quais o Clayton Act tardara muito, uma vez que não atuavam mais no século XX. No lugar, cresceu um movimento reivindicatório que pela via moderada evitou a conflito direto com a repressão, a Federação Americana do Trabalho⁶¹

A *American Federation of Labor*, a AFL, constituiu-se na década de 80 do século XIX e seguia o modelo de *craft union*, ou seja, procurava organizar os trabalhadores de acordo com a sua especialização ou ofício, diferenciando o cargo ou o nível de habilidade exigido. No lugar de reivindicar legislações trabalhistas a nível nacional, o objetivo da *craft union* era criar um sistema de regras, direitos e piso salarial específicos para cada função a nível local, o que provocou uma grande diversidade de contratos de trabalho que se diferenciavam muito de acordo com os processos de luta e negociação específicos em cada empresa⁶². Esse fenômeno resultou na formação nos EUA

57 LIMONCIC, Flávio. **Os inventores do New Deal**. op.cit. p. 88

58 Idem. p. 58

59 Idem. p. 60

60 Idem. p. 62

61 Idem. p. 65

62 MONTGOMERY, David. **Workers' control in America**: Studies in the history of work, technology, and labor

de uma espécie de aristocracia da classe trabalhadora, composta geralmente por trabalhadores de setores mais organizadas e influentes, que conseguiam conquistar reivindicações que beneficiavam apenas a sua categoria. Esse modelo dificultava as grandes mobilizações de trabalhadores, como as greves gerais, pois dividia a classe no próprio ambiente de trabalho. Caracterizada por seu posicionamento moderado, a AFL de fato defendia e conquistava melhores condições de trabalho e salários mais elevados para seus membros, porém sem questionar o próprio sistema de assalariamento. Portanto, ela não propunha uma transformação estrutural da sociedade, como esclarece Limonic.

A AFL, portanto, já não mais possuía fins políticos últimos, mas apenas objetivos econômicos pontuais, e os interesses dos trabalhadores não mais surgiam como articulados à cidadania republicana, mas apenas aos próprios trabalhadores enquanto tais. A liberdade de contrato entre agentes privados com o objetivo de alcançar o “American standard of living” tornara-se assim a palavra de ordem da AFL, uma espécie de “laissez faire coletivo”⁶³

A AFL admitia que existiam conflitos entre patrões e empregados, mas não reconhecia neles “os fins últimos da sociedade”, de forma que a atuação do sindicato não deveria ser política, mas apenas regulatória, aplicando contratos coletivos de trabalho que estabelecessem salários, jornadas de trabalho e segurança no emprego. Samuel Gompers, líder histórico da AFL, atesta em sua autobiografia o caráter essencialmente reformista da organização

...não podia, de forma alguma, aceitar a ideia de que a redução de horas de trabalho, melhoria de condições de trabalho ou um real aumento de salários, tudo o que se resume em “cada vez mais”, fossem coisas que carecessem de importância e que somente a substituição do regime econômico fosse de importância capital.⁶⁴

Esse caráter moderado é justamente o ponto de contestação em relação a outras organizações operárias estadunidenses. Em clara oposição à AFL, em 1905, líderes operários como William Dudley Haywood, conhecido como Big Bill Haywood, fundaram a Industrial Worker of the World, ou apenas IWW, uma organização de caráter revolucionário de vertente anarco-sindicalista que tinha como meta formar “*One big Union*” ou seja, Um Grande Sindicato que integrasse todas as categorias. Os Wobblies, como eram conhecidos os militantes da IWW, se baseavam no princípio “*An injury to one is an injury to all*”, pois faziam sua campanha a partir do discurso de que apenas a solidariedade de classe os trabalhadores poderiam atingir mudanças reais e estruturais. Sua luta se desenrolava pela ação direta no âmbito dos sindicatos e adotavam táticas que incluíam piquetes, greves e ocupação da planta das fábricas⁶⁵. Segundo Limonic, a origem da IWW pode ser

struggles. New York: Cambridge University Press, 1979. p. 19

63 LIMONCIC, Flávio. **Os inventores do New Deal**. op.cit. p. 52

64 GOMPERS, Samuel. **Sindicalismo e Trabalhismo nos EUA**: autobiografia. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1957. p. 32

65 DUBOFSKY, Melvyn; MCCARTIN, Joseph A.. **We Shall Be All: A History of the Industrial Workers of the World**. Illinois: University Of Illinois Press, 2000. p 12

resgatada nas transformações sociais provocadas pelas novas técnicas de produção em massa. Com a introdução sistematizada de máquinas e linhas de montagem, o proletariado se tornou menos especializado e mais indistinto. Isso fez com que o modelo de organização em *craft unions* se enfraquecesse em sua base social, já que ele partia do pressuposto da divisão da classe trabalhadora em ofícios e especialidades, o que é fruto do próprio sistema fabril manufatureiro. Entretanto, em uma indústria mecanizada, perdem-se as subdivisões do ambiente de trabalho e a fábrica se torna espaço de sociabilidade que reforça os laços de solidariedade entre os trabalhadores⁶⁶.

Nos EUA também existiu um movimento Socialista que buscou exercer sua influência pela via eleitoral. O principal líder do Partido Socialista da América, Eugene V. Debs, ou apenas Gene Debs, defendia a posição que a luta sindical em si não é suficiente e que era necessário disputar as eleições aos espaços de representação ao Estado. Gene Debs participou de diversas eleições para presidente ao longo das duas primeiras décadas do século XX. Sua carreira política entra em declínio após sua prisão em 1917 por se opor à participação dos EUA na Primeira Guerra. As vitórias mais significativas do Partido Socialista Americano foram alcançadas nas eleições locais, conseguindo eleger representantes para diversas prefeituras, como em 1917 em Minneapolis, e cargos no poder legislativo dos Estados⁶⁷. Além disso, o Partido Socialista cumpriu papel importante na organização dos imigrantes nas “federações de língua”, as quais posteriormente foram centrais na fundação do Partido Comunista.

O Partido Comunista dos Estados Unidos da América, ou CPUSA, assim como vários Partidos Comunistas em todo mundo, incluindo o brasileiro, teve sua fundação atrelada aos eventos da Revolução Russa e o modelo de organização partidária materializado pelo Leninismo. O Partido cresce rapidamente na década de 20 exercendo grande impacto na organização de sindicatos industriais, como no setor têxtil, mineiro, e automobilístico. O partido atingiu grande sucesso, também, na organização do movimento pelos direitos civis dos negros nos estados do sul, onde vigoravam leis de discriminação racial conhecidas como *Jim Crow laws*⁶⁸. Apesar do amplo enraizamento social que o partido conquista a partir do apoio a reivindicações particulares do cenário norte-americano, sua linha estratégica é intrinsecamente pautada e direcionada pelas lutas de facções das lideranças soviéticas. Principalmente ao longo da década de 30, as disputas estratégicas da Terceira Internacional, tornadas notórias pela rivalidade entre Stalin e Trotsky, se reproduzem na política partidária em solo americano. A partir de 1928, o CPUSA adere a análise de conjuntura proposta por Stalin em relação ao estágio de desenvolvimento do capitalismo, comumente chamada de “Terceiro Período”. Essa teoria propõe que a história recente do

66 LIMONCIC, Flávio. **Os inventores do New Deal**. op.cit. p. 51

67 Idem p. 90

68 DENNING, Michael. **The Cultural Front** op.cit. p. 13

capitalismo se divide em três estágios: no primeiro a mobilização da classe trabalhadora recuaria em vista da derrota dos movimentos revolucionários após a Primeira Guerra; no segundo se consolidaria a expansão da economia capitalista, a qual logo entraria em colapso econômico, iniciando assim um novo ciclo revolucionário, o terceiro período. Nesse contexto, caberiam aos Partidos Comunistas tomarem a frente do movimento revolucionário de massas rejeitando qualquer tipo de reformismo.

As políticas de “Terceiro Período” levaram a um isolamento dos Partidos Comunistas em relação aos Partidos Socialistas nacionais em todo mundo, que passaram a ser denunciados como “social-fascistas”⁶⁹. Nos EUA isso reflete em violentos confrontos do CPUSA com o Partido Socialista Americano, o qual já se encontrava fragilizado com a morte de seu quadro mais famoso, Gene Debs. Apesar da crise iniciada em 1929, que de fato resultou em uma maior radicalização do movimento operário nos anos que viriam, as disputas teóricas levaram a rompimentos com Partidos Comunistas em todo o mundo. Nos Estados Unidos, a década de 30 assistiu ao surgimento de diversos Partidos fracionários que tinham em comum um programa anticapitalista, revolucionário e antistalinista. Entre eles estava o American Workers Party (AWP), fundado por A. J. Muste e pelo filósofo Sidney Hook – que procurava fundar uma vertente americanizada do Marxismo⁷⁰. Também foram formados o Communist Party Opposition (CPO), liderado pelo bucharinista Jay Lovestone; e a Communist League of America (CLA), composta pelos Trotskistas James P. Cannon, Max Shachtman e Martin Abern. Por fim, em 1934 o American Workers Party e a Communist League of America se uniram a fim de formar o Socialist Workers Party, que por sua vez também fragmentou-se em 1935.

Essa pulverização complexa de legendas partidárias de forma alguma deve ser compreendida como um empobrecimento filosófico e programático da esquerda norte-americana: do contrário, ela revela um processo de enriquecimento e pluralização do debate teórico e estratégico advinda da conjuntura excepcional provocada pela crise de 29. A situação economicamente adversa provocou a proletarianização de escritores, professores, estudantes e jornalistas, ou seja, toda sorte de intelectuais geralmente associados à pequena burguesia, os quais foram empurrados para um posicionamento sinceramente crítico ao sistema capitalista. Para além disso, o movimento operário encontrava-se extremamente fortalecido e mobilizado já que em 1934 ocorrem três greves muito expressivas: greve geral em San Francisco lideradas pelo CPUSA, greve na indústria automobilística de Toledo liderada pela AWP e greve geral em Minneapolis liderada pelos trotskistas da CLA⁷¹. Os sindicatos industriais em todo país se articularam na CIO, o

69 WALD, Alan M. **The New York Intellectuals**. op.cit. p.19

70 DENNING, Michael. **The Cultural Front** op.cit. 423

71 Idem p. 14

congresso de organizações industriais, que passou a deter um alto poder de barganha junto ao presidente Franklin D. Roosevelt, que após assumir a presidência em 1933 percebeu o imperativo de negociar com os sindicatos e garantir proteção ao trabalho. O poder dos sindicatos reunidos na CIO foi tão grande que o historiador Michael Denning batizou a década de 30 como a “era do CIO”.

Mesmo com a pluralização teórica do movimento comunista, a década de 30 foi marcada pela convergência de ações no campo da esquerda, um “sentido comum” que Denning chama de “bloco histórico”⁷². O CPUSA, que até 1932 agitava uma política sectária atrelada à teoria do Terceiro Período, em 1935 passou a adotar uma linha completamente oposta: A Frente Popular. Com a rápida ascensão de Hitler na Alemanha, em 1933, e o alastramento da ameaça nazi-fascista em toda Europa, os Partidos Comunistas em todo o mundo passam a defender frentes amplas de combate ao fascismo, incluindo a aproximação com democracias liberais do bloco capitalista. Os Trotskistas da SWP, por sua vez, também formaram uma Frente Única e adotaram a tática do “entrismo” no Partido Socialista, pela qual buscavam converter e conquistar para si militantes de dentro do partido “hospedeiro”. Entretanto, apesar de a Frente Popular permitir ações conjuntas contra um inimigo em comum poderoso, ela recalcava conflitos e desavenças que viriam a se manifestar com força primeiro em 1936 com os processos de Moscou e em 1939 com o pacto de não agressão Molotov-Ribbentrop entre Stalin e Hitler, que marca o fim da primeira Frente Popular⁷³. O Simpósio convocado pela *Partisan Review* é realizado no limiar da tormenta: feito em 1936, ele é proposto apenas alguns meses antes da ruptura da revista *Partisan Review* com o Partido Comunista dos Estados Unidos. Esse Simpósio interessa justamente por mostrar um retrato da Frente Popular em período onde as desavenças sem dúvida existiam, mas não podiam sair dos limites impostos pela aliança da Frente Popular. E nesse complexo equilíbrio de forças projetos de país precisaram ser conciliados e costurados em um sentido para Americanismo.

Feita essa ampla contextualização, é necessário reforçar que a questão do capital monopolista, a questão do trabalho e a questão dos imigrantes estão intimamente relacionada aos novos Americanismos que surgem ao longo das primeiras décadas do século XX e que tentam dar conta de todas essas transformações sociais. Esses novos Americanismos refletem nos debates posteriores desenvolvidos no Simpósio da *Partisan Review* e serão tratados no segundo capítulo.

72 Idem p. 5

73 WALD, Alan M. **The New York Intellectuals**. op.cit. p.156

2. OS AMERICANOS E SEUS DIVERSOS AMERICANISMOS

Como já foi discutido no primeiro capítulo, a Era Progressista se caracterizou pela projeção de um futuro para os Estados Unidos que desse conta das transformações sociais que ocorreram ao longo da Era Dourada. Como Limonic descreve, esse período foi marcado por vários “progressismos”, que em sua ambiguidade e contrariedade refletiam a pluralidade de projetos de país, posicionamentos políticos e forças sociais que disputavam o sentido do movimento. Dessa forma, o movimento progressista ora tomava formas democratizantes fomentando experiências de democracia direta, ora manifestava sua vertente autoritária, como é o caso das leis *Jim Crow* de segregação racial⁷⁴. Woodrow Wilson e Theodore Roosevelt são os presidentes que melhor representam essa era, sendo que o Partido Progressista de Roosevelt adotou o slogan “novo nacionalismo”, cunhado pelo intelectual Herbert Croly.

Segundo Croly, as questões sociais do trabalho e do capital monopolista eram um dado irreversível da economia moderna, a qual resultou do liberalismo econômico e do individualismo “vitoriano”. Seguindo essa linha, uma vez que as corporações adquiriam elevado grau concentração de capital e poder político, o ideal dos “indivíduos isolados” com igualdade de direitos da economia política jeffersoniana – a qual exerceu grande influência na constituição dos Estados Unidos desde sua independência – havia se defasado em relação à nova sociedade americana. Segundo cita Limonic

A Promessa da Vida Americana será realizada não meramente por um máximo de liberdade econômica, mas por uma certa medida de disciplina; não meramente pela satisfação abundante dos desejos individuais, mas por uma boa medida de subordinação individual e autorrenúncia. (...) A automática realização da Promessa nacional americana deve ser abandonada justamente porque a tradicional confiança americana na liberdade individual resultou em uma distribuição da riqueza moral e socialmente indesejável.⁷⁵

Nesse novo mundo, para manter a coesão social e em nome do “bem comum”, a nova república deveria se organizar em “grupos de interesse” reconhecidos e “positivamente discriminados” pelo Estado, que deveria ter o papel de regulação da economia, redistribuição do poder político e econômico e mediação da luta de classes com o reconhecimento de sindicatos. Os sindicatos, por sua vez, exerceriam o papel de disciplinar a categoria representada de forma a garantir a “maximização da eficiência” da economia. Nesse contexto, a necessidade de coesão nacional, demandada pela participação dos Estados Unidos na primeira guerra, exigiu do governo de Woodrow Wilson a capacidade de negociação entre os interesses do trabalho e do capital, os quais foram costurados pela agência “National War Labor Board”, formada por representantes do

74 LIMONCIC, Flávio. **Os inventores do New Deal**. op.cit. p. 70

75 Idem p. 81

empresariado, do movimento sindical e do Estado. Dado o surgimento de novos projetos de país ligados aos movimentos progressistas que se manifestam nas primeiras décadas do século XX, é necessário refletir sobre os diferentes sentidos para Americanismo que são reivindicados nesse contexto. Eles refletem os valores, anseios e demandas de atores sociais que precisavam interpretar e transformar a realidade em que viviam, a qual se dava em uma sociedade que passava por um ritmo de transformação nunca antes visto. Os diferentes significados para Americanismo gestados ao longo das primeiras décadas do século XX serão investigados a seguir.⁷⁶

2.1 O Americanismo do Fordismo

Segundo Limonicic, a cooptação aliada à coerção como estratégia de solução da questão do trabalho está também atrelada ao modo de organização do trabalho proposto pelo Fordismo⁷⁷. Para Ford as questões sociais poderiam ser resolvidos pela própria indústria através da oferta de altos salários atrelada à exigência de um comportamento moral adequado. A organização pela linha montagem acelerou a produtividade de cada trabalhador pelo exercício de tarefas simples em ciclos de repetição rápidos, o que aumentou a oferta de emprego para setores menos profissionalizados da classe trabalhadora. A separação entre concepção e execução reforçou a alienação do trabalho e diminuiu a autonomia criativa do operário, que foi reduzido a uma peça substituível na linha de montagem. Mas o Fordismo não se resume a uma organização da produção: a promessa de um salário diário relativamente alto, 5 dólares, possibilitou à companhia um controle incomum sobre a vida privada do empregado, o qual para receber o benefício precisava passar pelo crivo do Departamento Sociológico da empresa. Segundo o Limonicic,

O critério para o recebimento do salário mais elevado era, além da produtividade de cada trabalhador, o seu grau de americanização: se formava família, frequentava um templo, distanciava-se das bebidas e do jogo e possuía hábitos de consumo condizentes com seu rendimento.⁷⁸

Uma vez que os imigrantes representavam grande parte da mão de obra com pouca qualificação técnica, em especial no coração da indústria automotiva em Detroit, os conflitos advindos da imigração também seriam resolvidos pelo modelo proposto pelo Fordismo, uma vez que o empregador poderia exigir de seus contratados a assimilação completa dos valores americanos. Para Ford, o americano “típico” era aquele que seguia a moral puritana de ascetismo, dedicação ao trabalho, sobriedade e fidelidade ao casamento. Para essa concepção de “América” os imigrantes representavam uma ameaça, em especial aqueles vindos de países latinos como Itália,

76 LIMONCIC, Flávio. **Os inventores do New Deal**. op.cit. p. 82-93

77 Idem. p. 95

78 Idem. p. 111

Espanha e México, uma vez que eram considerados preguiçosos e lascivos, e que, portanto, precisavam ser americanizados. Gramsci interpreta essa exigência puritana sobre os trabalhadores no regime fordista como uma necessidade de domesticar a força de trabalho, por exemplo o casamento estável representaria uma forma do trabalhador suprir seus impulsos libidinais sem prejudicar o ritmo da produção

O trabalhador que retorna para casa à noite após um dia longo e difícil deseja o “*venerem facilem parabilemque*” [amor fácil e acessível] de Horácio. Não é seu estilo procurar mulheres casuais. Ele ama a sua própria mulher com certeza infalível, a qual é livre de afetação e não faz joguinhos sobre ser seduzida ou estuprada para que seja possuída. Poderia parecer que desta forma a função sexual tem sido mecanizada, mas na realidade estamos lidando com o crescimento de uma nova forma de união sexual desfalcada da cor brilhante e deslumbrante do enfeite romântico típico do vagabundo boêmio pequeno burguês.⁷⁹

Nesse regime de trabalho, para além das funções sexuais que precisaram ser domesticadas, o consumo nas horas de lazer também precisou ser regulado, sendo portanto a proibição do álcool não só um controle da eficiência e assiduidade do trabalhador, mas também uma garantia de que ele gastaria seu salário relativamente elevado de maneira correta. Para o Fordismo, o trabalhador não é só um produtor das mercadorias, ele também é um consumidor em potencial. A essa indústria está relacionada o advento do consumo de massa e o automóvel se torna símbolo dessa transformação da mercadoria que deixa de ser um artigo de luxo.

Percebe-se, então, que o fordismo mais que um modelo de organização do trabalho é um projeto de sociedade. Vinculada a constata-se a ideia de um país de classe média, com consumo de massa, puritanismo e individualismo. Gramsci trata, inclusive, Fordismo e Americanismo como sinônimos: para o autor, a hegemonia da cultura norte-americana se constrói no chão de fábrica. Nesse processo o elevado grau de racionalização da produção se beneficiou da inexistência de uma “tradição” europeia, ou seja, uma herança das estruturas sociais anacrônicas feudais e de uma aristocracia rentista, ou como coloca Gramsci, uma “classe plutocrática parasitária”. Esse novo começo permitiu que a indústria, comércio e o transporte se organizassem de forma mais eficiente, o que resultou em um acúmulo de capital que logo suplantou a concorrência europeia e garantiu salários mais altos para os operários americanos⁸⁰. O caráter nacional americano, portanto, se apresenta em sua forma fordista como essencialmente conservador e avesso à formação de

79 GRAMSCI, Antonio. Americanism and Fordism. In: FORGACS, David (Ed.). **The Gramsci Reader: Selected Writings 1916-1935**. Nova York: New York University Press, 2000. p. 292. *Tradução Livre*: The peasant who returns home in the evening after a long and hard day's work wants the 'venerem facilem parabilemque [easy and accessible love] of Horace. It is not his style to spoon over casual women. He loves his own woman, sure and unfailing, who is free from affectation and doesn't play little games about being seduced or raped in order to be possessed. It might seem that in this way the sexual function has been mechanized, but in reality we are dealing with the growth of a new form of sexual union shorn of the bright and dazzling colour of the romantic tinsel typical of the petty bourgeois and the Bohemian layabout.

80 GRAMSCI, Antonio. **The Gramsci Reader**: op.cit p. 295

consciência de classe pois incentivaria o consumismo, o individualismo e o puritanismo protestante. Essa concepção de Americanismo, entretanto, não é a única e muito menos é a mais importante: a explicação para o perfil nacional estadunidense que foi amplamente difundida em espaços tanto políticos quanto historiográficos atribuiu antes à fronteira – e não à indústria – o papel do protagonismo na formação nacional.

2.2 O Americanismo da *Frontier Thesis*

A tese concebida pelo historiador Frederick Jackson Turner exerceu grande impacto tanto na historiografia norte-americana quanto no próprio discurso político, chegando ao seu auge durante o governo de Theodore Roosevelt na primeira década do século XX, quando a fama de Turner se espalhou por todo o país⁸¹. Para a tese de Turner a verdadeira nacionalidade americana surge na fronteira, o limite que demarca a divisão entre civilização e barbárie. A fronteira não é apenas um espaço físico fixo, é antes um processo de transformação da natureza e expansão da civilização, é a marcha para o oeste, a procura por novas terras e a exploração de novas riquezas. Para o historiador a fronteira é o fato último que diferencia o americano do europeu: independente do seu país de origem, o imigrante que coloniza os territórios do oeste deixa para trás sua herança cultural, assimilando-se plenamente como habitante do Novo Mundo. A “raça” Americana consequentemente surgiria da fusão de vários grupos étnicos que formam uma nacionalidade composta, ou como indica o lema norte-americano “*et pluribus, unum*”, de vários, um. Como nos explica Avila, a *Frontier Thesis* estabelece que não são apenas os homens que são transformados pela fronteira, mas também as instituições do Estado. A democracia, o individualismo e a igualdade teriam surgido no oeste dos Estados Unidos, uma vez que a igualdade de condições decorrente do processo de conquista teria impedido a formação de uma oligarquia fundiária e encorajado o individualismo extremado próprio dos pioneiros. Nesse progresso, nasce um homem que, uma vez livre, se torna avesso às formas de poder tradicionais, o que determinaria a ruptura decisiva com a herança europeia e a definição da americanidade⁸².

A *Frontier Thesis*, como forma de Americanismo, também apresenta diagnósticos para os conflitos sociais que surgem nos Estados Unidos no final do século XIX. Segundo Turner, os Estados Unidos não teriam experimentado os atritos sociais que marcaram o século XIX na Europa graças à disponibilidade de terras livres a oeste. Os conflitos sociais inerentes às grandes cidades que existiam no leste tiveram como “válvula de escape” a possibilidade de procura de

81 AVILA, Arthur Lima de. **E da fronteira veio um pioneiro**: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932). 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/7112>>. Acesso em: 20 set. 2014. p.79

82 Idem p. 67-90

oportunidades na fronteira. Entretanto, o fim das terras disponíveis ao final do século XIX teria provocado a intensificação nas pressões sociais e o surgimento de novos movimentos de reivindicação. Tuner explica o surgimento dos movimentos Populistas nesse ambiente de inconformidade, no qual o homem comum da fronteira – ou seja, o trabalhador braçal pragmático que valoriza a sua experiência adquirida como trabalhador livre – entra em confronto com o homem urbano do leste, o grande capitalista, o banqueiro, ou seja, o *new-englander*, que não compreende o espírito da fronteira⁸³. Segundo aponta Avila, para essa interpretação está implícita a representação do Leste como uma área conservadora e antidemocrática, o habitat das elites que procuram cercear as liberdades adquiridas na fronteira

O nascimento de novas ideias políticas, a reestruturação partidária e o surgimento de uma terceira força política, os populistas, estariam forçando a política norte-americana em direção a uma reformulação de seus princípios básicos. Oeste renovador e progressista, Leste conservador e aristocrático. Thomas Jefferson com sua utopia agrária, Andrew Jackson e sua democracia do *common man* e Abraham Lincoln, com seu amor à liberdade, fizeram valer a causa ocidental, e juntamente com as massas de imigrantes em épocas diversas da expansão, assentaram as bases da democracia norte-americana.⁸⁴

A solução para esse impasse por conseguinte estaria na continuidade na expansão norte-americana para novas fronteiras, ou seja, América Latina e Pacífico. Percebe-se claramente que a *Frontier Thesis* assumiu também o papel de legitimação do imperialismo estadunidense efetuado tanto pelo governo republicano de Theodore Roosevelt quanto democrata de Woodrow Wilson, se manifestando nas intervenções militaristas na América Central, na Guerra Hispano-Americana e na anexação do Havaí⁸⁵.

2.3 Americanismo, o Socialismo e a Literatura

O bairro de Nova York Greenwich Village sediou, na década de 1910, a eclosão de um renascimento cultural marcado pela germinação de revistas que, apesar de terem uma vida curta, surtiram um grande efeito sobre a cultura americana. No campo do radicalismo de esquerda existia a *The Masses*, a qual contava com a colaboração de John Reed, jornalista prestigiado por sua dedicação em cobrir greves em todo território americano e relatar as revoluções no México e na Rússia. No campo artístico, a *Seven Arts* reuniu um círculo de críticos literários como Randolph Bourne, Waldo Frank e Van Wyck Brooks, que procuraram investigar, compreender e fomentar o caráter nacional americano⁸⁶. O exemplo mais claro dessa empreitada é o ensaio de Brooks “*On Creating a Usable Past*”, no qual insistiu que os escritores americanos deveriam romper com a ortodoxia e as tradições corporativistas da academia e procurar no passado norte-americano uma

83 Idem. p. 94

84 Idem. p. 119

85 Idem. p. 80

86 WALD, Alan M. *The New York Intellectuals*. op.cit. p. 67

renovação criativa para literatura. Nessa empreitada, a crítica literária deveria buscar por “passados utilizáveis” que apontassem não apenas as obras de sucesso, mas tendências e impulsos criativos que não encontram total desenvolvimento no presente. O objetivo dessa abordagem seria romper com a rigidez dos dogmas sem cair no niilismo sem raízes provocado pela rebelião extremada. Além disso, Brooks defendeu que o socialismo seria o modelo de sociedade que possibilitaria um nível de reciprocidade orgânica entre criador e consumidor de cultura, no qual a integração da arte e a sociedade seria livre do comercialismo e do consumismo. Em síntese Brooks propõe um modelo de socialismo que com uma certa moderação rompe com a cultura de massas do capitalismo sem necessariamente se desligar do “passado utilizável” da cultura Americana⁸⁷.

Segundo Limonic, essa associação entre Socialismo e Americanismo não é incomum. Antecedendo Brooks, o partido Socialista Americano e as organizações operárias que surgem no século XIX, como o *Knights of Labor*, adotavam palavras de ordem inspiradas nos valores do republicanismo americano, os quais eram percebidos “antiitéticos ao capitalismo”. Dessa forma a Revolução Americana, o seu líder George Washington, a Constituição e outros elementos do nacionalismo americano eram reivindicados em prol da causa anticapitalista. Limonic aponta o caráter ambíguo que a apropriação de elementos republicanos acarreta à consciência de classe, pois se por um lado o Americanismo implicava na adoção de estratégias individualistas que valorizavam a transformação dos trabalhadores em pequenos proprietários, por outro a identidade comum americana contribuiu para formação de uma consciência de classe que agregasse os diferentes componentes étnicos à identidade de classe⁸⁸.

A rápida transformação que a sociedade norte-americana sofreu a partir da entrada de imigrantes europeus, trouxe enorme desafio àqueles que propunham definir os caminhos a seguir da cultura Americana. Dentro do círculo da *Seven Arts*, Randolph Bourne propõe a noção de Transnacionalismo que rejeita o assimilacionismo associado à metáfora do *melting pot*, a qual seria do interesse das classes dominantes americanas, que tinha o desejo de homogenizar a cultura americana segundo os critérios protestantes e anglo-saxões. Por outro lado, Bourne também rejeitava o paroquialismo dos costumes rígidos das etnias, pois eles herdavam os preconceitos e superstições das gerações mas velhas. O Transnacionalismo, portanto, representava mais que uma aglomeração de povos diferentes, ele se apoiava no cosmopolitismo e na troca entre tradições étnicas que fomentariam a riqueza cultural do país⁸⁹.

Outra revista que merece destaque é a *Modern Quarterly* a qual se tornou notória pelas disputas em relação à Americanização do marxismo que se consagraram em suas páginas.

87 COONEY, Terry A. **The Rise of the New York Intellectuals**. op.cit. p. 21-25

88 LIMONCIC, Flávio. **Os inventores do New Deal**. op.cit. p 51-52

89 COONEY, Terry A. **The Rise of the New York Intellectuals**. op.cit. p.24.

Dissidentes comunistas próximos à oposição de esquerda de Trotsky (expulso do partido Bolchevique em 1927) reuniram-se na revista *Modern Quarterly*, a qual entre o ano 1927 e 1931 representou a voz da virada modernista no campo da esquerda. A Americanização do Marxismo tornou-se temática central para esses comunistas dissidentes que avaliavam o isolamento do Partido Comunista dos Estados Unidos em relação às massas como resultante do sectarismo das políticas soviéticas do Terceiro Período, que ignorava as particularidades da cultura norte-americana. O temor maior era que Americanismo servisse na sociedade estadunidenses como uma substituição efetiva das aspirações utopistas, que em outros países eram associadas ao socialismo. A partir da doutrina do Americanismo o proletariado poderia reivindicar uma sociedade com mais liberdade, democracia e oportunidades sem necessariamente passar por uma ruptura violenta com a antiga sociedade. Cabia desse modo aos comunistas tornar o Marxismo palatável ao público americano, tarefa proposta pelo partido AWP, cujo programa foi escrito pelo intelectual novaiorquino Sidney Hook. Hook era um judeu nascido em 1902 e formado em filosofia na City College, onde estudou e foi orientado pelo filósofo pragmatista John Dewey. Em 1928, ele viajou para a Europa, estudou com o teórico marxista Karl Korsh em Berlim e pesquisou no instituto Marx-Engels em Moscou⁹⁰. Essa trajetória aponta o desenvolvimento intelectual de Sidney Hook, que foi caracterizado tanto por Perry Anderson como por Michael Denning como um exemplo Norte-americano do Marxismo Ocidental. Segundo Anderson, o Marxista Ocidental surge da oposição ao Marxismo ortodoxo, mecanicista e determinista da Segunda Internacional e se desenvolve de forma extremamente heterogênea, seguindo as tradições filosóficas de cada país.

Se o Marxismo Ocidental é melhor definido pelo encontro entre tradições filosóficas nacionais e Marxismo – o casamento de Lukács com Weber e Simmel, Gramsci com Croce, Adorno com Marcuse e Freud, Sartre com Heidegger e existencialismo, Althusser com o estruturalismo de Levi-Strauss e Lacan – então casamento de Hook com o pragmatismo de Dewey o tornou uma forma distinta de Marxismo Ocidental⁹¹

A experiência de Hook em tentar conciliar o Pragmatismo com o Marxismo Ocidental, o qual ele havia entrado em contato por influência de Korsh, entrou em confronto com uma outra experiência de americanização feita por Max Eastman. Eastman era um dos militantes mais antigos e um dos fundadores do CPUSA, foi crítico pioneiro do Stalinismo (inclusive antecedendo Trotsky), e vinculava-se a uma corrente do marxismo de tradição empirista e positivista que rejeitava abertamente a herança hegeliana em Marx. Ao contrário de Hook, o qual recebeu uma profunda formação idealista em Berlim, Eastman considerava Hegel “ideológico, animista e anticientífico”, traços que teriam permanecido no materialismo dialético e que deveriam ser “expurgados” pela

90 DENNING, Michael. *The Cultural Front* op.cit. p. 425-434

91 Idem. p. 426

adoção de um conhecimento instrumentalista que valorizasse à técnica e a prática, preceitos defendidos pelo Pragmatismo⁹². O Pragmatismo é uma corrente filosófica que se desenvolveu nos Estados Unidos a partir de William James, mentor de John Dewey, e que afirmava que uma doutrina é verdadeira apenas se ela gera efeitos positivos⁹³, portanto o conhecimento realmente relevante é aquele da medicina, engenharia ou arquitetura, ciências e técnicas que efetivamente trouxeram melhorias na vida humana. No marxismo isso refletiu na valorização de Eastman à inteligência tática de Lênin que teria resultado na vitória do Partido Bolchevique. Para Eastman cabia ao Partido reunir um grupo de especialistas capazes de realizar uma “Engenharia Social”, ou seja, transformar a sociedade através de uma ciência aplicada ao mundo social. O debate filosófico entre Hook e Eastman perdurou quase meio década e contou com a participação e interferência de outros autores como Louis Boudin, Waldo Frank (um dos participantes do Simpósio), Reinhold Niebuhr, Bertrand Russel e o próprio John Dewey⁹⁴. A existência desse debate nos mostra que o problema da compatibilidade entre o Americanismo e o Marxismo é muito mais antigo e aprofundado do que aparenta no Simpósio da *Partisan Review* e merece um estudo a parte que extrapole o recorte estabelecido nessa monografia. De qualquer forma, é possível identificar nessa problemática uma preocupação bastante antiga dos intelectuais marxistas norte-americanos em dar conta das especificidades do capitalismo estadunidense e sua cultura como um todo, preocupação essa que é possível traçar até a produção teórica de Daniel De Leon no final do século XIX. Independente dessas tendências mais antigas, o CPUSA a partir da adesão da estratégia da Frente Popular, criará uma Americanização do Marxismo própria, a qual será estudada a seguir.

2.4 Americanismo da Frente Popular

Como já foi exposto no capítulo 1, até 1935 a estratégia do CPUSA era extremamente sectária em relação aos Partidos Socialistas mais moderados, rejeitando assim qualquer forma de “Americanismo”. Entretanto, essa perspectiva foi abandonada em 1935 após o sétimo congresso da *Comintern*, a qual aprovou oficialmente o chamado por uma aliança com todos setores progressista contra o fascismo. A Frente Popular foi marcada também pela virada por um apelo nacionalista por parte dos Partidos Comunistas, que passaram a seguir os preceitos do “Marxismo Ortodoxo” definido por Stalin e Dimitroff. Estes argumentavam que o patriotismo estava de acordo com o Marxismo desde que o auxiliasse o avanço da classe trabalhadora ao poder, ou seja, permitisse a consolidação da etapa de desenvolvimento do capitalismo burguês que permitiria no futuro – por conta das contradições intrínsecas do capitalismo – o surgimento das condições para uma revolução

92 Idem p. 428

93 RUSSEL, Bertrand. **História da Filosofia Ocidental**. Lisboa: Novotipo, 1977. 2 v. p. 298

94 DENNING, Michael. **The Cultural Front** op.cit. p. 430

proletária. Dessa forma, a Revolução Americana, a antiga República e a Guerra Civil passaram a ser interpretados como eventos progressistas fundamentais para a criação de formas de organização política e econômica que proporcionariam maior liberdade às massas. Em parte essa construção teórica procurava racionalizar o uso pelo Partido Comunista dos discursos nacionalistas, os quais eram uma poderosa arma ideológica, amplamente utilizada pelos setores reacionários. A partir dessa reinterpretação do patriotismo o internacionalismo de outros grupos da esquerda foi criticado como sectarista e teoricamente preciosista⁹⁵.

O nacionalismo passou a ser interpretado como um campo de disputa pelo significado dos símbolos nacionais entre os setores progressistas e reacionários. Por exemplo, a Revolução Americana foi publicamente defendida como “*a conquista de ideias universais de direito a vida, liberdade, poder constituído em assembleias, constituições populares, separação entre Igreja e o Estado, liberdade de expressão, imprensa e reunião*”⁹⁶, considerando inclusive essa revolução como modelo direto para a Revolução Bolchevique. A linha do Partido também passou a compreender a independência dos Estados Unidos como uma ruptura com uma etapa de desenvolvimento do Feudalismo, pois as terras confiscadas teriam terminado com o monopólio da aristocracia rural inglesa. Caberia, então, aos Comunistas darem continuidade à tradição iniciada por Washington, Jefferson, Paine, Jackson e Lincoln, adaptando-a a economia industrial⁹⁷.

Essa nova linha política por parte do Partido refletiu sobre a crítica literária da *New Masses*, que passou a elogiar a tradição literária norte-americana. Anteriormente à adoção da frente popular, quando o Partido ainda defendia o sectarismo radical associado à literatura do “Terceiro Período”, a *New Masses* fomentava a criação e circulação da literatura proletária, a qual teria o papel de fazer avançar a consciência de classe dos operários norte-americanos, destacando-se entre seus autores mais celebrados Mike Gold, Joseph Freeman e Granville Hicks⁹⁸. Mike Gold para o historiador Terry Cooney representa o quintessencial ponto de vista do Partido Comunista sobre a literatura. Iniciou sua carreira na literatura revolucionária na década de 1910 e se tornou o principal editor da *New Masses* – sucessora da revista na qual se consagrou John Reed – onde defendeu que a literatura proletária deveria representar o trabalhador de forma heroica, viril e masculina⁹⁹. Gold sempre foi muito crítico em relação aos escritores que não seguiam a forma da literatura revolucionária, argumentando que o “*individualismo do escritor burguês leva apenas aos clichês*

95 DELEON, David. **The Popular Front CPUSA and the Revolution of 1776: A study in "patriotic marxism"**. Humanities Working Paper, Pasadena, v. 1, n. 39, p.5-46, jan. 1979.

96 DELEON, David. **The Popular Front CPUSA and the Revolution of 1776 op. cit**

97 Idem. p.17

98 KAZIN, Michael. The Agony and Romance of the American Left. The American Historical Review, Oxford, v. 100, n. 5, p.1488-1512, dez. 1995.

99 COONEY, Terry A. **The Rise of the New York Intellectuals**. op.cit. p. 33

*das cafeterias e suas pequenas excentricidades*¹⁰⁰, posição essa que antagonizava com a geração boêmia da década de 1920. Para Gold, o escritor deveria estar comprometido com aquilo que era realmente relevante: a causa operária, o que implicava o exercício da autodisciplina e o olhar para além de si mesmo ao traçar seus objetivos. Outro editor do *New Masses*, Granville Hicks, procurou estabelecer um código para a crítica marxista que avaliou a relevância de uma obra segundo sua contribuição para a luta de classes e a intensidade de sua representação da vanguarda do proletariado¹⁰¹. Cooney aponta para uma diferença fundamental entre o socialismo de Van Wyck Brooks da *Seven Arts* e o marxismo de Mike Gold da *The Masses*: o primeiro defendia o socialismo como uma revolução cultural tendo a literatura como suporte; o segundo fomentava a revolução social, sendo a literatura uma força auxiliar de propaganda. Apesar de suas diferenças, a adoção da Frente Popular, em 1935, aproximaria esses escritores. A crítica literária dos comunistas associados à *New Masses* passou a valorizar também o caráter nacional da literatura Americana. Nesse processo de aproximação a *League of American Writers* desempenhou significativa importância em organizar os escritores norte-americanos em congressos que debatiam estratégias de ação reivindicatória e traçavam novas tendências e abordagens em relação à literatura.

O Congresso dos Escritores Americanos foi um marco importante para o ressurgimento da militância cultural, quando aproximadamente cinco mil escritores se encontram no *Mecca Temple* de Nova York, em abril de 1935, reunindo representantes de seções dos John Reed Clubs de todo país, movimentos de literatura proletária e toda sorte de autores progressistas e esquerda avançada, os quais deram forma à maior reunião de escritores da História dos EUA¹⁰². Nesse congresso o teórico da cultura Kenneth Burke introduziu uma proposta programática para que a esquerda adotasse novas metáforas que substituíssem a figura do “trabalhador” pela figura do “povo”, criticando a retórica radical e classista da esquerda ligada à literatura proletária. Por essa sugestão, Burke foi vigorosamente atacado pelos autores ligados à *New Masses*, como Joseph Freeman, Mike Gold e o alemão Friedrich Wolf, que comparou o enfoque ao “popular” sugerido por Burke com a propaganda nazista alemã que pregava a saudação do *Volk*¹⁰³. Por azar de Burke, ele havia se adiantado em sua proposta em dois meses: em julho de 1935 outro congresso ocorreu, porém em Moscou, quando a Terceira Internacional adotou a tática da Frente Popular. A partir de então, nos Estados Unidos o programa sugerido por Burke e vilipendiado pelos Comunistas no congresso dos escritores, passou a ser defendido pelo CPUSA¹⁰⁴. Esse fenômeno refletirá na proximidade de posicionamento entre Joseph Freeman e Kenneth Burke no Simpósio em 1936, o que será

100 Idem p. 84

101 Idem p. 79-80

102 DENNING, Michael. *The Cultural Front* op.cit. p. 442

103 Idem p. 442

104 Idem p. 434-445

observado em nossa fonte no terceiro capítulo.

2.5 O Americanismo e os New York Intellectuals

A defesa do cosmopolitismo de Randolph Bourne na *Seven Arts* exerceu grande apelo aos intelectuais judeus que publicavam na revista *Menorah Journal*, liderada por Elliot Cohen e Lionel Trilling. Essa revista reuniu uma grande equipe na década de 1920 de alunos das universidades de Nova York como a Columbia University e a City University of New York. Os escritores em sua maioria eram judeus filhos de imigrantes, foram profundamente marcados pelo antissemitismo e não compartilhavam do mesmo grau de assimilação que a *intelligentsia* judaica francesa e inglesa. Esses fatores contribuíram para a radicalização do grupo, principalmente após a Revolução Bolchevique que apresentou um novo modelo de cosmopolitismo pluralista que denunciava a sociedade capitalista como formadora de falsa consciência¹⁰⁵. Embora o *Menorah Journal* tenha deixado de existir na década de 30, a *Partisan Review* herda boa parte de seu público da rede de escritores e colaboradores. Fundada em 1934, no âmbito do *John Reeds Club*, o braço cultural do Partido Comunista dos Estados Unidos, a *Partisan Review* assumiria o núcleo de publicação da geração de intelectuais judeus hoje conhecidos por “*New York Intellectuals*”, como já foi tratado na introdução.

Segundo Terry Cooney, os filhos de imigrantes judeus da Europa Oriental, carregando a ambiguidade intrínseca vivida pela segunda geração, enfrentaram um duplo desafio de ajustamento: por um lado a cultura Judaica tradicional e, por outro, as formas culturais patricias e rurais Americanas. Divorciados da ortodoxia judaica e discriminados pela sociedade norte-americana., o cosmopolitismo daquilo que consideravam a “cultura ocidental” e suas pretensões universalistas, surgia como uma alternativa, a qual não desconsiderava nem sobrevalorizava culturas a partir de uma busca por uma “herança cultural intrínseca” norte-americana¹⁰⁶. Segundo Cooney, a rejeição do particularismo norte-americano aproximou esses intelectuais das tendências vanguardistas que surgiram na Europa ao longo da década de 1920

O cosmopolitismo sugeria para os seus aderentes a superação do paroquialismo incapacitantes, a conquista de sofisticação intelectual, o triunfo do secularismo e do racionalismo, e a partir de tudo isso, o desenvolvimento de novas formas literárias que colocariam a cultura americana a par, ou à frente, dos seus equivalentes europeus.¹⁰⁷

105COONEY, Terry A. **The Rise of the New York Intellectuals**. op.cit. p. 117

106COONEY, Terry A.. **Cosmopolitan Values and the Identification of Reaction**: Partisan Review in the 1930s. The Journal Of American History, v. 68, n. 3, p.589-598, dez. 1981.

107 Idem p. 582 *Tradução livre*: Cosmopolitanism implied for its adherents the conquest of crippling parochialisms, the attainment of intellectual sophistication, the triumph of secularism and rationalism, and, from all of this, the development of new literary forms which would place American culture on a par with, or ahead of, its European equivalents

A vontade de “alcançar” um certo grau de desenvolvimento das vanguardas europeias aproximou esses intelectuais novaiorquinos de figuras como T. S. Eliot, Ezra Pound, e James Joyce. Cooney percebe que para os editores da *Partisan Review* a assimilação do modernismo Europeu passa pelo viés de um modelo explicativo chamado “análise das três gerações”, o qual aplica o método dialético marxista para explicar o desenvolvimento da literatura nos Estados Unidos ao longo das primeiras décadas do século XX. William Phillips e Philip Rahv colocam a literatura da década de 1910 e 1920 na seguinte dicotomia: a tese, a literatura da década de 10, representaria uma fase ainda conectada a elementos rurais da sociedade Americana, sendo por um lado pouco sofisticada, provinciana e nacionalista, dependente de estruturas narrativas tradicionais pouco criativas, mas, por outro lado, extremamente preocupada com temáticas de caráter social; a antítese, a literatura da década de 20, se caracterizaria por um período de transição e infiltração de novas tendências e correntes, o que a torna extremamente cosmopolita e, principalmente, urbana. Caberia então nessa análise o espaço para uma terceira geração, a síntese, que buscaria amalgamar a temática social da primeira geração com a sofisticação e urbanidade da segunda. Assim como para Marx a revolução não aconteceria no campo – pois a classe camponesa gestava um grande potencial reacionário – e sim na classe trabalhadora urbana – o proletariado – para a análise das três gerações a literatura revolucionária mais avançada seria aquela de caráter urbano que desse continuidade ao cosmopolitismo burguês, mas rompendo com – e transcendendo – a divisão entre classes¹⁰⁸.

Esse ideal de literatura revolucionária colocou os editores da *Partisan Review* em choque com os da revista oficial do CPUSA, a *New Masses*, como é o caso Michal Gold e Joseph Freeman, os quais, segundo a análise das três gerações, não souberam capturar o espírito modernista e, portanto, ainda estariam presos ao paroquialismo da década de 10. Os autores da *New Masses*, por sua vez, desconfiavam dos modernistas por sua admiração em relação aos autores como T.S.Eliot e Erza Pound, figuras notoriamente conservadoras – Pound inclusive associou-se ao fascismo italiano durante a segunda guerra. Esse antagonismo se exacerbou quando a Terceira Internacional adotou a tática da Frente Popular. O Partido Comunista passou a fomentar o tipo de produção literária que celebrava temáticas nacionais, narrativas que identificavam o radicalismo com o Americanismo e enalteciam os grupos étnicos tradicionais. Como nos aponta Terry Cooney o William Phillips e Philip Rahv perceberam esse incentivo como uma interferência do partido comunista no processo criativo dos escritores¹⁰⁹. Além disso, sob o ponto de vista marxista, os editores da *Partisan Review* compreenderam o nacionalismo fomentado pela Frente Popular como uma capitulação ao populismo oportunista.

108 COONEY, Terry A.. **Cosmopolitan Values and the Identification of Reaction** op.cit p. 583

109 Idem p. 587

O Marxismo corretamente compreendido permaneceu do lado do cosmopolitismo, mas bons escritores foram afastados de sua influência por " críticos do tipo de Granville Hicks e Michael Gold, cujas ideias se aproximavam mais na tradição sectária de Upton Sinclair do que da grande tradição de Karl Marx. " Em um campo poderia ser encontrado os maus interpretes de Marx, os escritores vinculados a década de 1910 (simbolizados por Upton Sinclair) com seu estabelecimento firme em solo americano " prendendo-os ao " provincianismo " e os caminhos estreitos da tradição nativa; no outro campo se reuniram o verdadeiro marxismo.¹¹⁰

É fundamental ressaltar, portanto, a rivalidade que existia entre os modelos de literatura dentro da própria crítica literária marxista e que marcou o rompimento da *Partisan Review* com outras revistas ligadas ao Partido Comunista., Phillips e Rahv consideravam a Frente Popular como uma capitulação aos valores nacionalistas, comparando o uso do folclórico e do popular à propaganda fascista. Considerando esses fatores, é possível compreender em que sentido se dava a denúncia do Partido Comunista como um órgão totalitário presente no editorial de refundação da revista em 1937. A partir de todas essas considerações em relação aos diversos Americanismos e o sentimento de repulsa que os editores da *Partisan Review* sentiam por qualquer forma de nacionalismo, é possível fazer uma análise mais aprofundada do Simpósio de 1936

110 Idem p. 593. Tradução Livre: Marxism properly understood remained on the side of cosmopolitanism, but good writers were driven from its influence by "critics of the type of Granville Hicks and Michael Gold, whose ideas were more in the sectarian tradition of Upton Sinclair than in the great tradition of Karl Marx." In one camp could be found the misinterpreters of Marx, the writers tied to the 1910s (symbolized by Upton Sinclair) with their "firm setting in American soil" holding them near "provincialism" and the narrow paths of native tradition; in the other camp gathered true Marxism.

3. SIMPÓSIO, A REVISTA E A SEMÂNTICA EM DISPUTA

Feita essa contextualização, segue agora a descrição dos posicionamentos expressos no Simpósio. Para proceder à análise, separamos os autores em categorias segundo a semelhança de seus posicionamentos em relação ao sentido dado ao conceito Americanismo. Para tal, foi necessário observar não apenas as definições diretas e descritivas que os autores apresentaram para o conceito, mas também os sentidos vinculados a essa definição que se manifestam indiretamente na construção de corpos teóricos, sejam eles da teoria política ou da crítica literária -marxismo, liberalismo, modernismo, realismo – e que constituem um sistema semântico no qual “Americanismo” também está implicado. Esse exercício se faz possível a partir do aporte teórico de Koselleck, o qual sugere que o emprego do sufixo “ismo”, que aparece também em “Americanismo”, identifica a temporalização de um conceito (ou seja, América) o que indica movimento para um objetivo, um *telos*, um projeto de país¹¹¹. Portanto “Americanismo” não se trata apenas em um conjunto de características identitárias, históricas e culturais que diferenciam os EUA de outros países – o chamado caráter nacional – mas também refere-se a um país que ainda está para se realizar.

Uma vez que a própria definição de Americanismo porta diferentes projetos de país é possível, portanto, distinguir os diferentes posicionamentos políticos dos autores a partir do emprego das categorias “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” elaboradas por Koselleck em *Futuro do Passado*¹¹². As culturas políticas em disputa nos EUA na década de 30 refletem em diferentes campos semânticas para o conceito de Americanismo, pois apontam para diferentes horizontes de expectativa propostos, imaginados e desejados por esses atores. Por outro lado, esses sentidos adquirem forma a partir de um espaço de experiência, um passado que é reivindicado por estes autores e interpretado como autenticamente americano ou como modelo comparativo para eventos contemporâneos. Inclusive, a apropriação de um “espaço de experiência” é por vezes feita de forma consciente por parte dos autores estadunidenses do início do século XX, que se utilizam da expressão cunhada por Van Wyck Brooks “*usable past*” para expressar essa operação intelectual.

Cabe frisar que, pelas limitações deste estudo, não será possível esgotar as possibilidades de análise que essa fonte nos proporciona, uma vez que não serão abordados importantes níveis de contexto como por exemplo questões biográficas dos autores e a relação dos artigos com o *corpus* de suas produções. Sabendo que nenhum autor transcende a sua contemporaneidade e as ideologias

111 KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1979.p.325

112 Idem. 305

manifestadas nela, a pergunta que pretendemos fazer está implicada no próprio texto da fonte, buscando aquilo que LaCapra chama de dimensão “contestatória” e “transformativa” do autor e a forma com que ele articula um acordo com uma variedade de contextos que apontam para desenvolvimentos contrários¹¹³. Portanto, escolhemos uma abordagem que valorize os sentidos que os conceitos adquirem no âmbito da sincronia, buscando compreender como esses sentidos se constroem no próprio uso prático intrínseco ao debate político. Pela história dos conceitos proposta por Koselleck¹¹⁴, é possível respeitar a dimensão sincrônica do sentido adotado em um texto – ou seja, os elementos semânticos que relacionam-se ao uso pragmático da linguagem – sem abandonar a análise diacrônica do sentido, a qual é resultado de um processo de teorização anterior ao texto. O nosso estudo de caso se limitará, portanto, aos debates circunscritos no próprio Simpósio, mas sem deixar de relacioná-los à dimensão diacrônica do conceito Americanismo que se manifesta nos diferentes sentidos apresentados no capítulo anterior.

3.1 Apresentação do Simpósio

O Simpósio parte da preocupação dos editores William Phillips e Philip Rahv com o problema de definir Americanismo em relação ao Marxismo e qual seria o papel da literatura revolucionária em fazer avançar o entendimento dessas duas “forças”. Ele inicia desse modo convidando os autores de “diversos matizes” para responder as seguintes perguntas:

"Qual é sua concepção de Americanismo? Você acha que ele é separado e oposto à tradição cultural da Europa Ocidental? Você acha que ele é idêntico, oposto, ou incluso na distinta herança revolucionária nativa dos primeiros jacobinos como Tom Paine, os movimentos populistas posteriores e o radicalismo dos Knights of Labor, Albert Parsons, Gene Debs, Bill Haywood, etc? Deveriam os valores dessa tradição americana ser continuados e defendidos ou eles simbolizam a luta brutal pelo enriquecimento individual que alguns escritores (como, por exemplo, alguns expatriados e críticos europeus como Georges Duhamel) interpretam como a essência do Americanismo? A sua concepção do Americanismo postula que existe uma continuidade desde os tempos coloniais até o tempo presente ou você o coloca dentro dos limites históricos definidos?"

Na sua opinião, qual é a relação entre a tradição Americana e o Marxismo como força ideológica nos Estados Unidos, especialmente em referência ao crescimento da literatura revolucionária no país? Você acha que a nossa literatura revolucionária reflete e integra o espírito americano ou está em conflito com ele? Se este conflito existe, você acha que isso é uma falha dos escritores revolucionários ou as próprias premissas da escrita revolucionária impedem a integração orgânica entre os dois? ¹¹⁵

113 LACAPRA, Dominick. *Tropisms of Intellectual History. Rethinking History*, New York, v. 4, n. 8, p.499-529, dez. 2004. p. 512.

114 KOSELLECK. *Uma História dos Conceitos: problemas teórico e práticos*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.134-146, jan. 1992.

115 Tradução livre do original: “What s your conception of Americanism? Do you think of it as separate and opposed to the cultural tradition of Western Europe? Do you think of it as identical with, or opposed to, or inclusive of the distinct native revolutionary heritage of the early Jacobins like Tom Paine, the populist movements of later days and the radicalism of the Knights of Labor, Albert Parsons, Gene Debs, Bill Haywood, etc? Should the values of this American tradition be continued and defended or do they symbolize the brutal struggle for individual riches which some writers (as, for example, certain expatriates and European critics like Georges Duhamel) have interpreted as the essence of Americanism? Does your conception of Americanism postulate its continuity from colonial days to the present age or do you place it within definitive historical limits? In your opinion, what is the relationship

Para simplificar a leitura, separamos essas perguntas em três eixos diferentes: primeiro, os editores desejam saber se os participantes acreditam no excepcionalismo do caráter nacional americano e se esse caráter apresenta um conteúdo positivo, ou seja, se os Estados Unidos detêm uma herança revolucionária que se manifesta nos movimentos sociais já comentados no primeiro capítulo (os Knights of Labor, os líderes sindicalistas anarquistas Albert Parsons e William Dudley “Big Bill” Haywood e o líder do Partido Socialista Americano Eugene Victor “Gene” Debs) ou se o modo de vida americano incentiva o individualismo, o consumismo e a ganância, ou seja, o perfil conservador idealizado pelo fordismo (posteriormente teorizado por Gramsci), o qual já foi comentado no segundo capítulo. Em síntese, os autores questionam se Americanismo é inerentemente progressista ou reacionário. O segundo eixo de questionamento especifica o primeiro e inquirir se esse caráter nacional é compatível com o Marxismo ou se é completamente oposto a ele. Por fim, em um terceiro eixo de questionamento os editores desejam saber o reflexo dessas concepções abordadas sobre a literatura Americana, tema esse essencial à revista uma vez que tanto editores quanto convidados são ou críticos literários ou escritores. Nem todos autores convidados responderam satisfatoriamente a esses três eixos de perguntas, mas foi possível agrupar suas respostas em três grupos segundo uma tipologia que traça a convergência dos posicionamentos, os quais nomeamos da seguinte forma: Socialistas com Americanismo Excepcionalista, Marxistas com Americanismo Estratégico e Liberais com Americanismo Excepcionalista.

3.1.1 Socialistas com Americanismo Excepcionalista

Nesse grupo estão Newton Arvin, Josephine Herbest e Waldo Frank. Para esses autores, o Americanismo é a transmutação de uma “Grande Tradição” que herda da Europa os valores iluministas de individualismo, secularismo e liberdade de expressão que se desenvolvem e se transformam nos EUA em um radicalismo democrático sem precedentes. Por conta de sua extensão e riqueza territorial, os Estados Unidos seriam uma terra de oportunidades e esperança e que o americano típico é aquele que constrói a si mesmo e busca por uma vida melhor, não se satisfazendo em viver de maneira conformada. Josephine Herbest usa como exemplo sua própria família, a qual descende de colonos proprietários de terra no período anterior à independência, e que ao longo das gerações sempre procurou se adaptar às novas transformações sociais que passava o

between the American tradition and Marxism as an ideological force in the United States, with particular reference to the growth of revolutionary literature in this country? Do you think that our revolutionary literature reflects and integrates the American spirit or is it in conflict with it? If this conflict exist, do you think this is a failure on the part of revolutionary writers or do the very premises of revolutionary writing prevent the organic integration of the two?”

país, seja migrando para o Oeste a procura de ouro, lutando na Guerra Civil Americana a favor da abolição ou voltando às grandes cidades a procura de emprego.

Segundo esse posicionamento, a maior liberdade usufruída pelos estadunidenses permitiu que se desenvolvesse uma cultura de classe média que de fato aparenta ser mais gananciosa e *philistine*, ou seja, banal, materialista e vulgar, mas que essas características pejorativas não seriam intrínsecas ao caráter nacional americano e muito menos inexistentes na Europa, que desenvolveria esses traços se tivesse as mesmas oportunidades para tal. Segundo essa linha, o individualismo exacerbado teria de fato provocado consequências nefastas à sociedade Americana e precisava ser redirecionado. Para essa tarefa surge o Socialismo, que de forma alguma é um rompimento com a tradição Americana, mas sim a verdadeira garantia de sua continuidade. Como expressa Newton Arvin

...existe uma linha perfeitamente real no pensamento nativo americano, o trabalho de verdadeiros Yankees como qualquer outra que existiu, a qual se move em direção ao socialismo marxista e seu ponto culminante. Os velhos radicais democráticos - Paine, Samuel Adams, Freneau, e seus semelhantes - havia previsto uma sociedade republicana individualista, e até mesmo sem classes: quando seus sucessores naturais, nos anos trinta e quarenta [*do século XIX*], vieram mais e mais a mostrar que o individualismo econômico dirigiu rapidamente o país em direção ao regime de classes da Inglaterra e da França contemporânea, com os maus resultados já aparentes nesses países, eles aplicaram-se ao problema social iminente, portanto, e tomando como ponto de partida seus sentimentos profundos igualitários, fizeram esboços em direção a uma filosofia social na qual o socialismo de pleno direito já era germinativo.¹¹⁶

Ou seja, o socialismo é colocado como evolução natural do Americanismo, sendo mais que um substituto, um aprimoramento das características intrínsecas ao país. O Socialismo surge então como efetuação máxima da sociedade prometida pelos pais fundadores, a realização no futuro das ideias de Paine, Jefferson e Lincoln. Essa concepção de Americanismo resgata como “espaço de experiência” ou “passado utilizável” as diversas manifestações de radicalismo político existentes no século XIX, como os abolicionistas, os Kinigs of Labor, os militantes da IWW e os populistas e os arranja em uma tradição coerente e inter-relacionada que é portadora do projeto original de América. Além disso, a caracterização do excepcionalismo americano se aproxima daquela desenvolvida na *Frontier Thesis* de Turner, pois os autores partem da perspectiva que a democracia e a liberdade dos Estados Unidos se desenvolveram graças às oportunidades de expansão que a fronteira oferecia aos imigrantes. Não é estranho perceber esse reflexo da *Frontier Thesis* sobre este pensamento socialista em particular, visto que, segundo Avila, mesmo a contragosto do Turner,

116 Grifo meu. Tradução livre do original: There is a perfectly real line in native American thought, the work of as true Yankees as ever existed, that moves on toward Marxist socialism as toward its culmination. The old democratic radicals – Paine, Samuel Adams, Freneau, and their like – had envisaged an individualistic, but quite classless, republican society; and when their natural successors, in the thirties and forties, came more and more to see that economic individualism was rapidly driving the country toward the class arrangements of contemporary England and France, with the evil results already apparent in those countries, they applied themselves to the social problem thus impending and, taking their deep equalitarian sentiments as point of departure, made sketches toward a social philosophy in which full-fledged socialism is already germinant.

muitos socialistas já haviam simpatizado com a tese ao longo da primeira década do século XX e a adotado como marco explicativo para o surgimento da democracia norte-americana¹¹⁷. É importante apontar, também, que tanto Newton Arvin quanto Waldo Frank – que fazia parte do círculo literário em torno da revista *Seven Arts* – eram críticos que buscavam compreender as “tendências” na literatura estadunidenses e valorizar poetas “nativos” como Ralph Emerson e Walt Whitman, justamente o que havia sido proposto por Van Wyck Brooks na revista. Portanto, percebe-se o quão natural é para esses autores realizar uma simbiose entre socialismo como horizonte de expectativa e o excepcionalismo americano, que constitui em um “passado utilizável” que está de acordo com a *Frontier Thesis*.

3.1.2 Marxistas com Americanismo Estratégico

Theodore Dreiser, Matthew Josephson, Kenneth Burke e Joseph Freeman por sua vez apresentam-se afinados com a linha nacionalista da Frente Popular defendida pela terceira internacional, o que acarreta algumas ambiguidades em seus artigos. Em primeiro momento, eles têm em comum a ideia de que os valores geralmente atribuídos ao caráter nacional americano, como liberdade, autonomia e busca por enriquecimento compõem uma ideologia historicamente construída na fundação dos Estados Unidos, mas que mascara a realidade concreta da classe trabalhadora, reforçando que o Americanismo é uma ilusão de identidade nacional mantida pela massa do povo de forma emocional, intangível e inconsciente. Nas palavras de Theodore Dreiser

Americanismo envolve uma associação de ilusões como individualismo, a terra dos livres a casa dos bravos, liberdade, self-made man, pioneiros, esse é o melhor país do mundo e você deveria ter orgulho de morar aqui, estrelas e listrar, etc. Essas poderosas associações e sentimentos cresceram das condições culturais da Europa Ocidental e não é oposta a ela.

Já o autor Joseph Freeman, descendente de imigrantes judeus da Ucrânia, usa a história de sua família para exemplificar as ilusões e promessas do Americanismo. Segundo Freeman, para um judeu da Europa Oriental os Estados Unidos apareciam como um “*asilo dos oprimidos, o reino dourado da América, onde todos podiam ir a escola, onde os judeus e gentios eram iguais, não havia divisão de classe e todas as raças eram tratadas igualmente.*” Entretanto, uma vez que passaram a viver nos cortiços da cidade de Nova York, os judeus compreenderam que não faziam parte da América e passaram a perceber os dois mundos, nos quais, tanto judeus quanto americanos estavam divididos entre ricos e pobres. Logo a identificação de pertencimento essencial não é de caráter nacional, mas de classe.

Portanto, para esses autores, a cultura Americana de forma alguma é excepcional pois não

117 AVILA, Arthur Lima de. **E da fronteira veio um pioneiro. op. cit**

se diferencia da herança da Europa Ocidental, afinal, como argumenta Dreiser, nada que tenha acontecido nos EUA não foi prescindido pela mesma mudança na Europa. Burke teoriza que na verdade o que se passou nos Estados Unidos em sua independência foi um remanejamento de poderes que enfraqueceu as formas particulares de burocratização que mantinham tradições vivas. Portanto, sem o empecilho de uma herança feudal impregnada na sociedade, o pensamento e a filosofia burguesa se desenvolveram plenamente em toda sua rigorosidade, processo esse que foi auxiliado também pela liberação dos negros dentro dos termos capitalistas e pela liquidação das formas culturais originais indígenas que – ao contrário da América Latina – não teriam sido incorporadas pela cultura norte-americana. O caráter nacional, portanto, não constituiria uma tendência cultural diferente da Europa Ocidental: o Americanismo seria uma das manifestações da cultura capitalista, se diferenciando das outras apenas pelo grau de intensidade. Burke aponta que a tradição radical que os socialistas atribuem ao caráter nacional norte-americano nada mais é que reflexo do movimento Romântico em geral que também existiu na Europa. Para este autor Whitman, Emerson ou Thoreau e outros transcendentalistas, ou seja, o “usable past” de Brooks, Waldo Frank e Newton Arvin, não diferem do socialismo utópico que surge na Europa como uma nostalgia que busca negar a modernização do capitalismo. Já o Matthew Josephson concorda com Burke ao citar a obra Charles Beard *Economic Origins of Jeffersonian Democracy*, segundo a qual os valores de igualdade e liberdade têm uma origem social tipicamente pequeno-burguesa, o que caracteriza também a origem social dos democratas radicais na Europa. Por seu caráter de classe, essas ideias apontam para um papel progressista no tempo da revolução Americana, entretanto, em vista da possibilidade de uma revolução proletária, os valores pequeno-burgueses representam um papel potencialmente reacionário, ou como coloca o Burke *Não podemos mais voltar para essas ideias, apesar de algumas peças ideológicas ainda funcionar e alguns se aproveitarem delas como lobos em peles de cordeiro*”

Entretanto, em um segundo momento, após terem definido claramente o Americanismo como uma ilusão nacional ou uma ideologia de classe, os quatro autores admitem ao final de seus respectivos artigos que é possível fazer uso desses sentimentos nacionalistas, os quais podem ser capitalizados e redirecionados para a causa de revolucionária. Afinal, como argumenta Dreiser, esses valores são genéricos e representam ilusões que podem ser relativizadas e interpretadas de acordo com os propósitos desejados, portanto não existiria nenhum empecilho para Americanização do Marxismo. Matthew Josephson, defende que o Marxismo deve ser adaptado para o clima moral e físico americano, não pelo perfil dos Estados Unidos que seria intrinsecamente progressista, mas porque é o que Marx e Engels recomendam e o que os Bolcheviques realizaram na Rússia. Por sua vez, Burke se apoia em sua teoria dos sistemas de sentido para justificar a Americanização do

Marxismo.

Um sistema de sentido tende a fechar você para outro sistema de sentido. Portanto, a avalanche de sentidos capitalistas tende a enterrar a estrutura do sentidos anticapitalistas. Mas não há nada peculiarmente Americano sobre isso. E enquanto o Capitalismo prove-se inadequado, uma crítica do capitalismo (não importa sua origem) se torna “americano” em sua relevância.

Por fim, Freeman citando o conceito de nação dado por Stalin - segundo o qual nação é *“uma comunidade estável de língua, território, vida econômica plano de fundo psicológico”* - ele argumenta que como a característica nacional não está dada e muda de acordo com o observador, o que importa é o sentido interpretado pelas massas. Ele aponta que a consciência de classe sempre reivindicará um elemento nacional pois os operários adquirem sua experiência de luta a partir de vivências concretas em seu país de origem, que no caso do americano é a herança do radicalismo político de Jefferson. Lincoln, Upton Sinclair, o jornal Masses e o jornalista John Reed. Freeman chega admitir que ao longo da década de 1920 ele defendeu um completo internacionalismo contra o nacionalismo, mas que isso teria sido um erro de leitura do marxismo ortodoxo.

Percebemos então que os autores do segundo grupo acabam convergindo com os autores do primeiro, mas a partir de pressupostos diferentes. Para Waldo Frank ou Newton Arvin a defesa do socialismo parte da crença no excepcionalismo americano, constituindo a efetivação máxima deste. Já os marxistas do segundo grupo alegam não “acreditar” no excepcionalismo. O passado reivindicado por eles mescla a história europeia e americana, como se fossem frutos de um mesmo processo histórico. Entretanto, eles defendem o uso estratégico de elementos do nacionalismo estadunidense, seja de maneira mais ou menos explícita e até mesmo cínica como é o caso de Dreiser e Josephson, seja pela justificação a partir de uma teoria mais sofisticada, como é o caso de Burke e Freeman.

3.1.3 Liberais com Americanismo Excepcionalista

Os autores Robert Herrick, William Carlos Williams e William Troy reivindicavam um Americanismo iluminista, moderado, e progressista, o qual se revela na tradição literária de Whitman e Mark Twain e de políticos como Jefferson, Lincoln. Para eles, o caráter nacional americano valoriza a individualidade, independência, autoconfiança e experimentação aventureira. Tanto William Troy quanto William Carlos Williams apontam que o espírito de independência celebrado pelo poeta Emerson está inserido em uma tradição de 400 anos, a qual encontra seus vestígios mais remotos nas implicações teológicas da reforma protestante e do humanismo renascentista, para o qual o homem pode trabalhar para sua própria salvação, seja ela econômica,

espiritual ou moral. Troy admite que esses valores são vagos e podem variar de acordo com quem os interpreta, e por isso existiriam vários Americanismos, que adquirem características próprias segundo Jefferson, Thoreau, Whitman, Roosevelt etc. Entretanto, o Marxismo seria incompatível com o Americanismo pois, embora ambos sejam revolucionários, o primeiro assume que são as forças econômicas e os movimentos de massa que mudam a História, já o segundo sustenta que são os indivíduos agindo de forma autônoma. Robert Herrick acrescenta que cabe ao Americanismo conciliar o individualismo extremado, o qual ele associa ao fascismo, com o coletivismo marxista, evitando assim os pontos extremos. Como sintetiza o autor, *Marxismo para o espírito americano é apenas outra fase de força oposta ao liberalismo. É necessária uma teoria resistente para resistir a América, e a América pensa ter essa teoria.* Essa concepção que confere ao caráter nacional americano uma certa moderação e prudência é reiterada no artigo do poeta William Carlos Williams, o qual afirma que a democracia americana foi capaz de derrotar e mitigar pensamentos mais radicais ao longo de sua história, como o de Tom Paine, Gene Debs e Bill Haywood, fazendo com que esses movimentos parecessem estrangeiros ao ambiente nacional.

Segundo William Troy as convulsões econômicas e a concentração de capitais que caracterizaram a América do século XX são inerente às “*pressões implacáveis da maquinaria da civilização*” e relaciona a banalidade materialista e decadência dos valores tradicionais com o choque que a cultura teria sofrido após a Grande Guerra da qual a América nunca teria se recuperado. Em sua expectativa em relação ao futuro, a América estaria “*passado por um processo de difícil reajusto mecânico*” e caberia apenas a ela resolver seus problemas, sem a interferência do Marxismo que, sendo uma filosofia estática de centenas de anos, não suportaria a provação de um processo democrático aberto. Percebe-se, assim, que estes três autores convergem para um posicionamento que considera o Americanismo mais que o caráter nacional de um país em particular, mas sim um modelo moderado de sociedade a ser rivalizado com Marxismo e Fascismo. Embora o “passado utilizável” que justifica a crença em um excepcionalismo americano não se diferencie daquele reivindicado pelos socialistas, o projeto de país é francamente divergente àquele exposto por Waldo Frank ou Newton Arvin.

3.2 Considerações Sobre Os Posicionamentos

Terry Cooney interpreta a chamada para esse simpósio por parte dos editores William Phillips e Philip Rahv como uma necessidade de investigar o crescimento das tendências “paroquialistas” que a literatura Americana assumia no tempo que viviam. Cooney levanta a hipótese de que os editores já imaginavam a tendência relativamente recente dos escritores

comunistas adotarem os símbolos do patriotismo americano na literatura e precisavam confirmar essas suspeitas. Verifica-se, portanto, um posicionamento que não se apresenta claramente no Simpósio, mas está subentendido no que os editores escrevem ao longo da revista: a rejeição do “Americanismo estratégico” adotada por alguns marxistas. Como já foi investigado, esse posicionamento é característico de um debate ulterior que aparece com maior importância na história da revista marcando seu rompimento com os modelos literários defendidos pela futura revista rival, a *The New Masses*¹¹⁸.

De qualquer forma, a diferença de posicionamentos que mais chama atenção em nossa leitura é a dicotomia presente entre os Socialistas e os Marxistas, que do ponto de vista genérico em relação à Frente Popular não apresentaram diferença: todos autores do Simpósio pertenceram a uma mesma organização da qual Waldo Frank foi o primeiro presidente, a *League of American Writers*, tornada notória na historiografia anticomunista tradicional como uma Frente controlada subrepticiamente pelo Partido Comunista. Entretanto uma leitura mais cuidadosa do Simpósio permitiu destrinchar os diferentes posicionamentos que compunham a Frente, o que trouxe elementos que se somam como evidências a uma interpretação proposta por Michael Denning: de que o CPUSA não inventou o Frente Popular, ele apenas aderiu a ela tardiamente.

Michael Denning no pós-escrito da edição de 2010 de sua obra “The Cultural Front”¹¹⁹ faz uma revisão historiográfica em relação à Frente Popular apontando algumas falhas deixadas pela historiografia até então. Ele procura se diferenciar não só dos historiadores anticomunistas tradicionais que construíram uma narrativa na qual o Partido Comunista é apenas uma extensão dos interesses de Moscou, como é o caso do clássico da historiografia da década de 50, Theodore Draper, mas procurando ir além também dos historiadores da *New Left* e seus ativistas. Os “revisionistas” da *New Left* concretizaram um importante trabalho de recuperar os feitos das fileiras do Partido a nível local, demonstrando que o Partido exercia uma inserção social bastante orgânica nas comunidades e uma atuação relativamente autônoma às lideranças soviéticas. Entretanto, Denning explica que apesar de ter aprendido muito com essa historiografia da década de 70, a desconfiança da *New Left* em relação ao stalinismo descreditou em grande parte a produção historiográfica sobre os anos da Frente Popular, oferecendo maior ênfase na militância dos anos anteriores da depressão. A partir dessas considerações Denning alega que tanto os tradicionalistas anticomunistas quanto os revisionistas da *New Left* enfatizaram demasiadamente papel do Partido na constituição da Frente Popular. Denning encara o “*Popular Front*” não como uma estratégia de um partido em particular, mas como um movimento social genuíno mais amplo que lutou a favor da

118 COONEY, Terry A.. **Cosmopolitan Values and the Identification of Reaction** op.cit

119 DENNING, Michael. *The Cultural Front* op.cit. p. 473-494

justiça social e na oposição ao fascismo. Dessa forma, “*o movimento da frente popular não seria um subconjunto da história do Partido Comunista, mas a é a história do Partido Comunista que é um subconjunto da história da Frente Popular, um dos movimentos sociais mais importantes e influentes da história americana*”¹²⁰.

Essa reflexão proposta por Denning nos instiga a pensar a Frente Popular como a uma Cultura Política constituída anteriormente à implementação da estratégia por parte do Partido Comunista. Essa constatação nos permite interpretar a divisão entre Marxistas e Socialistas no Simpósio de 1936 da seguinte forma: a teorização de uma correspondência entre Socialismo e Americanismo, para qual este é precursor daquele, caracteriza uma Cultura Política nos Estados Unidos que têm uma tradição que surge ainda no século XIX, a qual se constitui através das propostas de busca de um passado utilizável pelos intelectuais durante a década de 1910 e que ressignifica as hipóteses elaboradas sobre o caráter americano pela *frontier thesis* de Turner, elementos estes abordados no segundo capítulo. O estudo dos posicionamentos dos marxistas como o de Joseph Freeman aponta, assim como Denning, que o CPUSA não inventou nem exerceu total controle sobre a cultura da Frente, apenas “adere” a ela em 1935. Lembramos que Freeman de início rejeitou veementemente a proposta que Keneph Burke fez no congresso dos escritores americanos de adotar uma estética do “povo” no lugar de uma estética voltada ao trabalhador. Já no Simpósio, que ocorreu um ano após o congresso e alguns meses após adoção da Frente Popular pela Terceira Internacional, Freeman e Burke compartilham o mesmo posicionamento em relação à adoção dos símbolos do excepcionalismo americano para que houvesse uma maior “aproximação com as massas”.

Agora, não é correto afirmar que a Americanização do Marxismo (ou o Marxismo Americanizado) surge unicamente como uma mera tática cínica de manipulação das massas por parte dos Socialistas ou dos membros do Partido Comunista. Lembramos o que é definido por Koseleck, o qual afirma que apenas “*a partir de um fato linguístico, posso atuar sobre a realidade de forma concreta*”¹²¹ e também que “*todo conceito se articula a um certo contexto sobre o qual também pode atuar, tomando-o compreensível*”¹²². Ou seja, a conceituação que procura compreender o Americanismo como um caminho a se seguir ao socialismo nos revela que para esses atores esse caminho era uma possibilidade concreta. Essa semântica única para o conceito revela não só a vontade desses autores de transformar sua realidade, mas também o contexto no qual eles procuravam atuar e compreender.

Um fato importante a ser observado é que o conceito de progresso revela um papel-chave

120 Idem. p. 482

121 KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. op.cit. p. 315

122 Idem. p. 315

no arranjo dessa cultura política. Segundo Koselleck, o conceito inaugurado pelo Iluminismo é singular por temporalizar o objetivo da perfeição, a qual se realizará em um momento distante no futuro.

Desde então toda a história pôde ser concebida como um processo de contínuo e crescente aperfeiçoamento; apesar das recaídas e rodeios, ele teria que ser planejado e posto em prática pelos homens. Desde então os fins continuam a ser estabelecidos de geração em geração, e os efeitos previstos no plano ou no prognóstico se transformam em elementos de legitimação da ação política.¹²³

Para esse planejamento o horizonte de expectativa é mais amplo que o espaço de experiência, ou seja, percebe-se a consciência que a experiência acumulada e herdada pelas gerações anteriores não dá conta da complexidade do futuro que se antecipa. Assim o Americanismo deve ser entendido como algo além de uma busca de um caráter nacional fora do tempo, pois a realização plena do país ideal está no futuro. Dessa forma, a referência que os autores fazem a episódios e personagens do passado não deve ser compreendida como um mero resgate “arqueológico” de artefatos culturais inertes que sobreviveram à ação do tempo, mas como a busca por tendências de desenvolvimento que possibilitam a dedução de prognósticos para o futuro do país, os quais, segundo Koselleck, são transformados em elementos de legitimação da ação política. Em outras palavras, se para eles era possível falar em um Americanismo socialista, isso aponta para a real possibilidade que se apresentava a esses sujeitos de que haveria um futuro socialista na América.

123 Idem. p. 316

CONCLUSÃO

Esse trabalho iniciou-se a partir da curiosidade em compreender o processo pelo qual um grupo de intelectuais radicais ligados ao Partido Comunista, e posteriormente ao Trotskismo, transformam-se em importantes figuras do neoconservadorismo norte-americano. Sem dúvida é um problema complexo e multimencionado e que já foi abordado por diversos autores, encontrando-se uma farta bibliografia específica sobre assunto, não cabendo portanto esgotá-lo nas dimensões dessa monografia. Nesse estudo de caso foi possível investigar uma parte pequena mas estratégica para esse processo: o momento derradeiro da ruptura com o Partido Comunista da revista que representa o carro-chefe dessa geração. Apesar disso, o estudo do Simpósio suscitou uma série de questões que mudaram o foco da pesquisa, e por conseguinte, da estruturação da monografia. O estudo do sentido dado ao Americanismo por esses autores tomou o centro das atenções ao revelar a complexidade de sentidos que poderiam surgir não apenas no mesmo período de tempo, mas na mesma publicação

Dessa forma, o simpósio assume uma dupla função, para os seus contemporâneos foi uma busca por um entendimento em relação ao país em que viviam e o país que desejavam construir, os romances que liam e os romances que precisavam ser escritos. Para nós é um retrato de um debate que até então nos era apresentado apenas o posicionamento dos vencedores: a ideia que os Estados Unidos é um país essencialmente anticomunista, que sua cultura é incompatível com o marxismo e que seria o representante máximo do capitalismo. Essa concepção difundida e aceita pelo senso comum no nosso tempo está condicionada pela vitória histórica do macartismo, a qual apagou a memória e impediu a reprodução de uma Cultura Política americana e socialista. Entretanto, para os dez autores convidados pelo Simpósio da *Partisan Review* esses sentidos ainda estavam em disputa. Nos possibilitar o acesso a esse debate enquanto ele ainda estava em aberto é a segunda função que esse Simpósio toma, embora ela não tenha sido planejada por seus fomentadores.

No segundo Capítulo investigamos diferentes concepções de Americanismo que foram teorizadas ao longo das primeiras décadas do século XX. A partir de esse estudo foi possível perceber uma série de dicotomias que direcionam o debate, como por exemplo a “cidade/campo” que opõe uma concepção que encontra o caráter nacional estadunidense nos regimes de trabalho e consumo fordista das grandes metrópoles a uma outra concepção que identifica o surgimento do espírito americano a partir dos pioneiros que exploram a fronteira, bem longe da corrupção das grandes cidades. Entretanto, a dicotomia que se revela mais marcante é a que opõe socialistas e marxistas, os primeiros defendendo o excepcionalismo norte-americano e os segundos estritamente internacionalistas, embora aderissem o nacionalismo durante a Frente Popular.

Uma vez proposto que a Frente não é controlada pelo Partido Comunista, mas que é um

fenômeno mais abrangente e descentralizado, cabe questionar as denúncias frequentes por parte da *Partisan Review* em relação ao suposto direcionamento por parte do Partido ao que era produzido na literatura americana. Afinal, os elementos “paroquialistas” na literatura americana não estão inseridos em uma Cultura Política que antecede a própria fundação do Partido Comunista? Cabe salientar um fator até então ignorado nesse processo: a disputa entre as revistas *New Masses* e *Partisan Review* não é apenas uma luta entre Stalinistas e Trotskistas ou sobre a validade do excepcionalismo americano. Por esse debate passa também a disputa por prestígio, público e autoridade que é intrínseco à própria construção do *ethos* da revista como um órgão de opinião independente, o que está implicado também na constituição da crítica de arte como um campo autônomo. Mas essas questões só podemos levantar como encaminhamento para novas leituras e uma pesquisa mais aprofundada dessa temática. Por ora, cabe salientar com este estudo o que já foi proposto por Michael Denning: a existência de uma Cultura Política de caráter socialista nos Estados Unidos que é muito mais complexa que as orientações e estratégias do CPUSA. Para além do óbvio, essa constatação apresenta uma nova narrativa sobre a Frente Popular que procura ver além dos esquemas interpretativos sobre o stalinismo.

FONTE

DREISER, Theodore; ARVIN Newton; HERBST Josephine; HERRICK Robert; JOSEPHSON, Matthew; BURKE, Kenneth; FRANK, Waldo; TROY, William; WILLIAM, William Carlos; FREEMAN Joseph. **What is Americanism?** Partisan Review, vol. 3, no. 3, April 1936 From the Partisan Review Collection, Howard Gotlieb Archival Research Center at Boston University. Disponível em: <<http://hgar-pub1.bu.edu/web/partisan-review>>. Acesso em: 20 set. 2014.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMS, Natham. **A Profoundly Hegemonic Moment: De-Mythologizing the Cold War New York Jewish Intellectuals.** Shofar, London, v. 21, n. 3, p.64-82, abr. 2003.

ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental.** São Paulo: Boitempo, 1979.p.45.

AVILA, Arthur Lima de. **E da fronteira veio um pioneiro: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932).** 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/7112>>.

AVRICH, Paul. **Sacco & Vanzetti: the Anarchist Background.** Nova Jérsei: Princeton University Press, 1991.

BLOOM, Alexander. **Prodigal Sons: The New York Intellectuals and Their World,** Oxford University Press, 1986;

COONEY, Terry A. **Cosmopolitan Values and the Identification of Reaction:** Partisan Review in the 1930s. The Journal Of American History, v. 68, n. 3, p.589-598, dez. 1981.

_____ **The Rise of the New York Intellectuals:** Partisan Review and Its Circle, 1934-1945. London: The University Of Wisconsin Press

DELEON, David. **The Popular Front CPUSA and the Revolution of 1776:** A study in "patriotic marxism". Humanities Working Paper, Pasadena, v. 1, n. 39, p.5-46, jan. 1979.

DENNING, Michael. **The Cultural Front: The Laboring of American Culture in the Twentieth Century.** New York: Verson, 1997

FORGACS, David (Ed.). **The Gramsci Reader: Selected Writings 1916-1935.** Nova York: New York University Press, 2000.

GOMPERS, Samuel. **Sindicalismo e Trabalhismo nos EUA:** autobiografia. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1957

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLINGER, David A.. **Science, Jews, and Secular Culture.** Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1996

JUMONVILLE, Neil. **The New York intellectuals reader.** New York: Routledge, 2007. pg 14

- KAZIN, Michael. **The Agony and Romance of the American Left**. The American Historical Review, Oxford, v. 100, n. 5, p.1488-1512, dez. 1995.
- KOSELLEC, Reinhart. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1979.
- _____. **Uma História dos Conceitos**: problemas teórico e práticos. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.134-146, jan. 1992.
- LACAPRA, Dominick. **Tropisms of Intellectual History**. Rethinking History, New York, v. 4, n. 8, p.499-529, dez. 2004
- _____. **The American Historical Review**. The American Historical Review, New York, v. 97, n. 2, p.425-439, abr. 1992
- LIEVEN, Anatol. **America Right or Wrong**. New York: Oxford University Press, 2004
- LIMONCIC, Flávio. **Os inventores do New Deal**. Estado e sindicato nos Estados Unidos dos anos 1930. 2003. 289 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Historia - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.
- MONTGOMERY, David. **Workers' control in America**: Studies in the history of work, technology, and labor struggles. New York: Cambridge University Press, 1979.
- MORRIS, Richard B. **Documentos básicos da História dos Estados Unidos**. New York: Fundo de Cultura, 1956
- MOTTA, Rodrigo Sá. **Culturas políticas na História**: novos estudos. BH: Argumentum, 2009.
- RUSSEL, Bertrand. **História da Filosofia Ocidental**. Lisboa: Novotipo, 1977. 2 v.
- VIALS, Chris. **Realism for the Masses**: Aesthetics, Popular Front Pluralism, and U.S. Culture, 1935–1947. Jackson: University Press Of Mississippi, 2009.
- WALD, Alan M.. **The New York Intellectuals**: The Rise and Decline of the Anti-Stalinist Left from the 1930s to the 1980s. Chapel Hill: University Of North Carolina Press, 1987.